

CMP 2.1.4.154

MEMORIAL  
COMEMORATIVO  
— DO —  
75.º ANIVERSÁRIO  
DE SUA FUNDAÇÃO

# CASA LIVRO AZUL



C. de Castro Mendes



CAMPINAS - ESTADO DE S. PAULO  
BRASIL

1876 = 1951

MEMORIAL  
COMEMORATIVO

— DO —

75.<sup>o</sup> ANIVERSÁRIO

DE SUA FUNDAÇÃO

CASA  
LIVRO AZUL



C. de Castro Mendes



CAMPINAS - ESTADO DE S. PAULO  
BRASIL

1876 = 1951



## MAIS UMA APRESENTAÇÃO

*Quando, a 14 de Novembro de 1876, os Snrs. A. B. de Castro Mendes e Joaquim Roberto Alves, resolveram fundar uma pequena Casa de artigos de papelaria, nem lembraram que 75 anos depois, a Casa Livro Azul havia de comemorar sua existência.*

*É que o tempo só respeita o que é feito com o seu concurso. E a Casa Livro Azul tem sempre respeitado o tempo, trabalhando com constância, sofrendo todos os precalços, vencendo todas as dificuldades.*

*Pena é que não podemos contar com a presença viva do nosso fundador animador e trabalhador, meu venerando Pai Sr. A. B. de Castro Mendes — a quem nesta hora presto meu preito de saudade.*

*Nós todos — eu e os auxiliares, da Casa Livro Azul, guardamos sempre na memória os exemplos de trabalho e honrados legados pelo nosso fundador.*

*Assim continuando a tradição lançamos hoje a publicação de mais um Memorial, comemorando os 75 anos de vida da nossa Casa.*

*Raras são as Casas comerciais que atingem a tão longa existência, sempre com a mesma orientação e o mesmo ramo de negócio, Deus tem-nos propiciado a graça de podermos continuar com o propósito de manter os princípios que nortearam os fundadores desta Casa.*

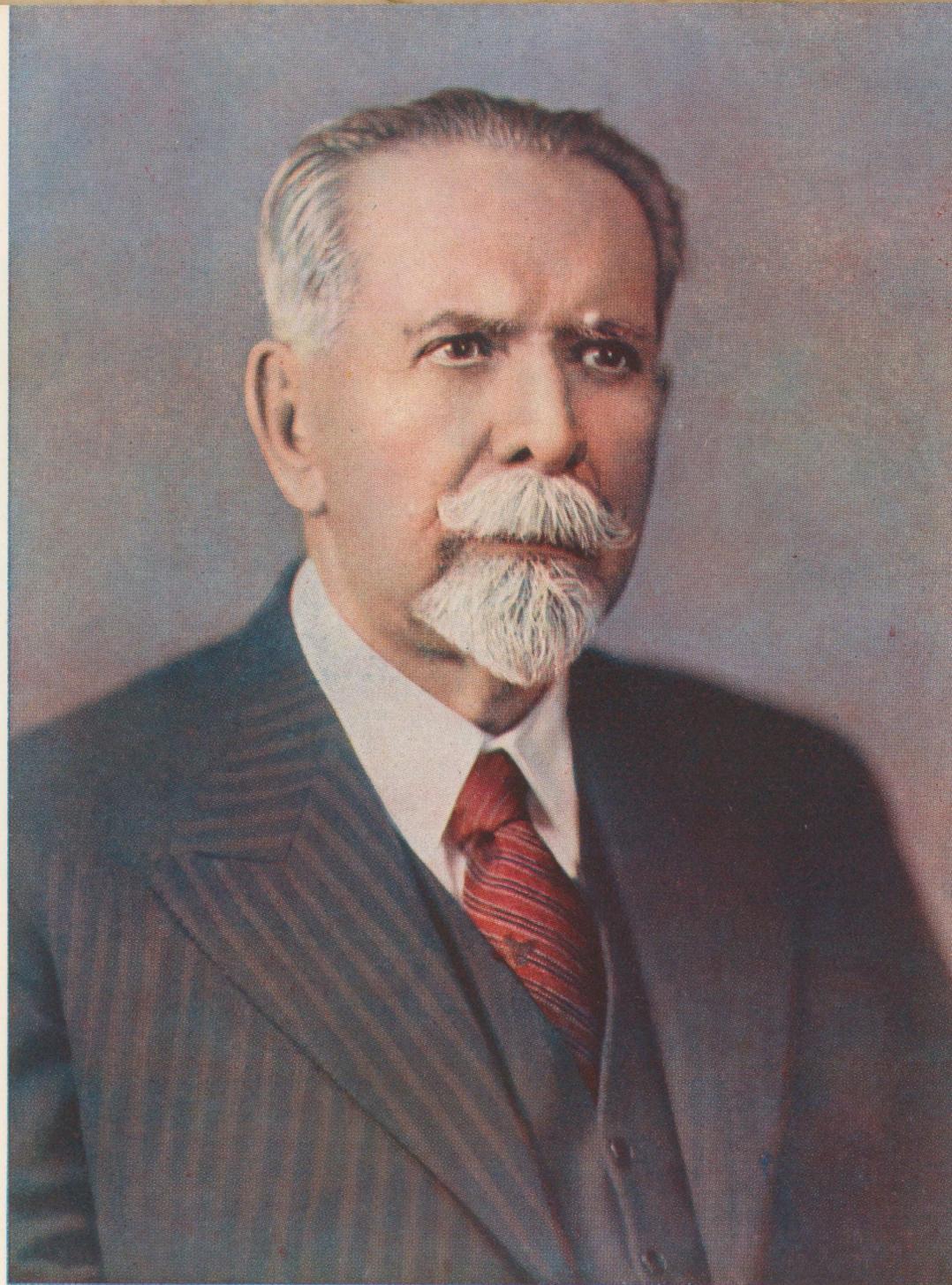
*Sejam, portanto, estas linhas portadoras das nossas saudações muito cordiais ao comércio e á Industria do nosso Paiz notadamente do Estado de São Paulo, ao Comércio local, aos nossos amigos, aos nossos auxiliares e ao povo em geral, saudação esta cheia da nossa gratidão pelo apoio e amisade que nos dedicaram e dedicam á nossa firma.*

*A todos, pois, nosso reconhecimento, pela preferência que nos deram e pelas gentilezas que sempre nos dispensaram.*

*Campinas, 14 - 11 - 51.*

**C. DE CASTRO MENDES**

A. B. DE CASTRO MENDES  
FUNDADOR DA CASA



CLESO DE CASTRO MENDES  
TITULAR DA FIRMA C. DE CASTRO MENDES





CLESO DE CASTRO MENDES NO SEU GABINETE DE TRABALHO



*Ao sacratissimo Coração de Jesus, é consagrada esta pagina,  
em agradecimento aos beneficios dispensados a esta  
Casa, aos seus diregentes e auxiliares.*

## UM POUCO DO PASSADO



Em 1876 surgiu em Campinas uma pequena oficina tipográfica, que, mais tarde, á custa de trabalho tenaz, escrupuloso, de sacrificios inauditos e de uma grande força de vontade, viria se tornar a CASA LIVRO AZUL, este estabelecimento que serviu tantas gerações e que ha 75 anos obedece a mesma orientação do nome de CASTRO MENDES.

CAMPINAS cidade que era pequena ostentava fôros de Capital: — havia os baronatos e a nobreza da Côrte se esgalhava por aqui. O café que fazia a fortuna das tradicionais famílias paulistas, fazia tambem a prosperidade de muitos e entusiasmava a todos, porque o braço do escravo negro mourejava a mais não poder para enriquecer os senhores da gleba e dar importância ao branco cheio de empáfias.

A indústria ensaiava seus primeiros arrancos. Havia, lá por 1870, fábrica de chapéos, fábrica de máquinas para lavoura, tipografias com serviço de encadernação e douração, além de oficinas mecânicas e outros estabelecimentos industriais.

Mas, o que demonstrava a importância da cidade era a sua parte cultural que impressionava toda a Província. Poetas, jornalistas, oradores e artistas, formavam um núcleo de intelectuais que agitavam a situação política da época, preparando então o movimento republicano que culminou com a queda da monarquia em 15 de Novembro de 1889.

Foi assim que em 1876 fundou-se a “CASA LIVRO AZUL”, a principio simples lojinha de artigos para escritório e impressos, com uma seção muito rudimentar de fabrico de caixas de papelão, sob a firma Roberto Alves & Mendes.

A Casa ia progredindo e, diante disto, foi resolvido iniciar-se uma pequena tipografia, para atender aos inúmeros pedidos dos freguêzes. Ainda em 1876 foi adquirida a primeira impressora que até hoje existe como lembrança dos tempos primitivos do “LIVRO AZUL”.

Em 1881, o prédio onde funcionavam as oficinas já era pequeno e assim resolveu-se a mudança para uma casa maior na Praça Bento Quirino, quando a tipografia foi ampliada com novas máquinas e outros materiais. Foi iniciada tambem uma secção de Papelaria, cujo sortimento de artigos de escritório fôra comprado em São Paulo, na Casa Garraux, numa fatura de 200 mil reis, mais ou menos!

Bons tempos! Lutando sempre com coragem e tenacidade, a firma Roberto Alves & Mendes adquirio do sr. Raphael de Abreu Sampaio o *stock* de sua casa comercial de livros em branco e mais artigos de papelaria, ficando assim o "LIVRO AZUL" em condições de atender á sua já numerosa freguezia.

Depois, o sócio sr. Roberto Alves, amigavelmente resolveu desligar-se da Casa, passando então a firma a girar sob o nome do sócio remanescente A. B. de Castro Mendes.

A Casa começou num prédio da rua Barão de Jaguára (onde hoje se acha o "Prédio Columbia"). Aí funcionou de 1876 á 1881, quando se mudou para a Praça Bento Quirino, a-fim-de aumentar sua oficina de tipografia.

Em meados de 1886 houve nova mudança do estabelecimento para o Largo do Rosario, visto ser necessario um prédio maior, para assim atender ao movimento crescente da freguezia, pois para tanto foram adquiridas novas máquinas impressoras e outros materiais gráficos.

Em 1888 começou a casa a trabalhar com a venda de pianos alemães, sendo que este comercio muito influiu na educação artística da sociedade campineira.

Os primeiros pianos recebidos foram em conta de consignação e fornecidos pela grande e conceituada firma LION & CIA., de Hamburgo, com filial em São Paulo.

Este ramo tornou-se depois de vulto, tanto que a casa fez contrato tambem com o famoso fabricante alemão CARL SCHEEL, de Cassel, para a importação de 6 pianos mensalmente, além dos que eram recebidos de outros fabricantes da Alemanha.

Os negócios sobre pianos foram coroados de tal sucesso que logo a casa entrou em entendimentos com os fabricantes para assim importar diretamente tais instrumentos, cujo movimento foi de tal sorte ampliando que a CASA LIVRO AZUL pode-se ufanar de ter vendido desde aquela data até ha bem pouco tempo, para mais de 1.000 pianos, — o que representa um notavel empreendimento para uma cidade do interior como Campinas naquela época.

Entre os documentos importantes que guardamos com especial cuidado, são os primeiros livros da Casa — Borrador e Contas correntes — cujos lançamentos iniciais são datados de 14 de Novembro de 1876. Notamos entre seus inúmeros freguezes daquelas priscas éras, os títulos aliás honrosos para a Casa, tais como :

Francisco Glycerio  
Manoel Ferraz de Campos Salles  
Antonio Carlos Gomes  
Francisco Quirino dos Santos  
Leopoldo Amaral  
Tipografia "Gazeta de Campinas"  
Tipografia "Diário de Campinas"  
Bierrenbach & Irmão  
Barão de Indaiatuba  
Alfred Genoud  
Carolina Florence  
Fernando Arens  
Dr. Francisco da Costa Carvalho

Elias Alvares Lobo  
Dr. Jorge Miranda  
Dr. Valentim José da Silveira Lopes  
Dr. Cezario Motta  
Eloi Cerqueira  
Barão de Parnaíba  
Orosimbo Maia  
Club da Lavoura  
Colégio Culto à Ciência  
Soc. Portuguesa de Beneficência  
Cia. Carris de Ferro  
Banco Mercantil  
etc.



Casa Livro Azul em 1900

— Nota-se que a Casa n'aquela época, já tinha sua iluminação elétrica própria, quando a cidade ainda era iluminada a gaz, conforme se vê, pelo «lampeão» na frente do prédio.



A título de curiosidade reproduzimos aqui o primeiro cliché do "LIVRO AZUL", publicado nos anuncios da Casa em 1876, isto é, ha 75 anos, quando iniciava suas atividades nas seções de encadernação e pautação, secções essas que foram por assim dizer, o esteio da Casa e a base de sua estrutura.

Este documento, como muitos outros de grande valôr estimativo para a Casa, estão carinhosamente guardados em seus arquivos.

## INCREMENTO GERAL DE NEGÓCIOS

É sabido que no ano de 1906 — 1908 os negócios tomaram um incremento extraordinário, sendo tão intensa a importação comercial do Estado, que até produziu uma tremenda crise de transporte, ficando o porto de Santos abarrotado de mercadorias á espera de remessa para o interior. Este movimento comercial tão grande, atingiu a todas as classes trabalhadoras, determinando assim a abertura de inúmeras casas comerciais, tanto nesta praça como nas demais localidades do Estado.

É natural que o LIVRO AZUL, também atingido por essa febre de negócios e animado pela colossal procura de tudo o que havia para se vender, também por sua vez intensificasse a sua importação não só do seu ramo principal « papelaria », como também no que dizia respeito a pianos, objetos de arte, artigos de metal, brinquedos, etc., etc., que tinham tão pronta saída, ultrapassando os limites da expectativa.

Nesse tempo, as casas fechavam-se ás 21 horas e, quantas vezes o LIVRO AZUL teve de fechar-se ás 22 e 23 horas, por ter a sua loja, sempre repleta de freguezes!... Isto sem *licença* de qualidade alguma, porquanto não havia na legislação da época nada que viesse tolher e perturbar a vida do comércio, que exercia francamente suas funções, com a mais ampla liberdade.

As oficinas, por sua vez entraram de novo em período de aperto, pois as solicitações de trabalhos tipográficos cresceram na medida da vertigem da época e assim, para atender a essa imensa procura, eram forçadas a trabalhar continuamente, com horas extras.

No entanto, apraz-no recordar que essas lutas tremendas, as encaravamos com uma rara coragem, mesmo

porque, pessoalmente, estava sempre á testa dos serviços o nosso saudoso chefe tomando parte ativa na propria execução das encomendas. Ele estava na força da vida e queria assim aproveitar tão auspiciosa época, para ainda firmar os recursos da casa, que ambicionavamos ver sempre aumentados e, portanto, trabalhavamos... trabalhavamos sem tréguas, para atingirmos a essa tão justificada ambição.

Os preços da produção, em geral, nesses tempos, eram por demais remuneradores, por isso que não havia ainda sido *espalhado* esse ramo de trabalho. Mesmo em São Paulo poucas casas exploravam as indústrias gráficas e, portanto, sendo escassos os produtores e a procura demasiada, é claro que os preços dos produtos seriam até certo ponto encarecidos, como de fato o eram, dando deste modo lucros por demais compensadores.

A casa já não tinha espaço para a colocação de novas máquinas, pois todos os seus recantos achavam-se completamente preenchidos com as secções de composição, impressão, pautação e encadernação. O pessoal, já bastante numeroso, movia-se com certa dificuldade, entre máquinas, caixas de tipos e outros acessórios, dando isto motivo a caminhar o serviço, um tanto desorganizado e com certa morosidade, o que muito e muito preocupava a administração e prejudicava o serviço.

Estudando calmamente o meio de sair deste embaraço, resolveu-se aumentar a área ocupada pelo maquinário e utensilios diversos, construindo novos compartimentos no edificio. Uma vez resolvido este importante assunto, foi desde logo posta em execução essa feliz idéia. O aumento executado foi altamente valioso, pois constou de dois pavimentos bastante espaçosos e arejados para a parte da composição, mais outro ainda, para o acrescimo da parte da encadernação, sendo este com um pavimento

superior, onde o novo escritório foi instalado convenientemente em dois compartimentos cheios de ar e de luz, em que todo o seu velho arquivo foi colocado, obedecendo a uma ordem completa, ao ponto de se observar a perfeita colocação e ordem de todos os livros e de antigos documentos referentes a tão dilatada vida comercial, nada faltando e não havendo nenhuma solução de continuidade na nomenclatura cronológica da casa, desde o seu início, em 1876, até o presente.

Achando-se, então, a área das oficinas consideravelmente aumentada, foi desde logo iniciado o trabalho de mudança da secção de composição para seu novo compartimento; igualmente a secção de encadernação, que se encontrava acanhadíssima, passou por modificações muito proveitosas com a ocupação dos novos compartimentos, ficando assim ambas perfeitamente instaladas e com a melhor ordem, o que permitiu tornar os serviços mais facilitados e consequentemente com produção muito aumentada e melhorada.

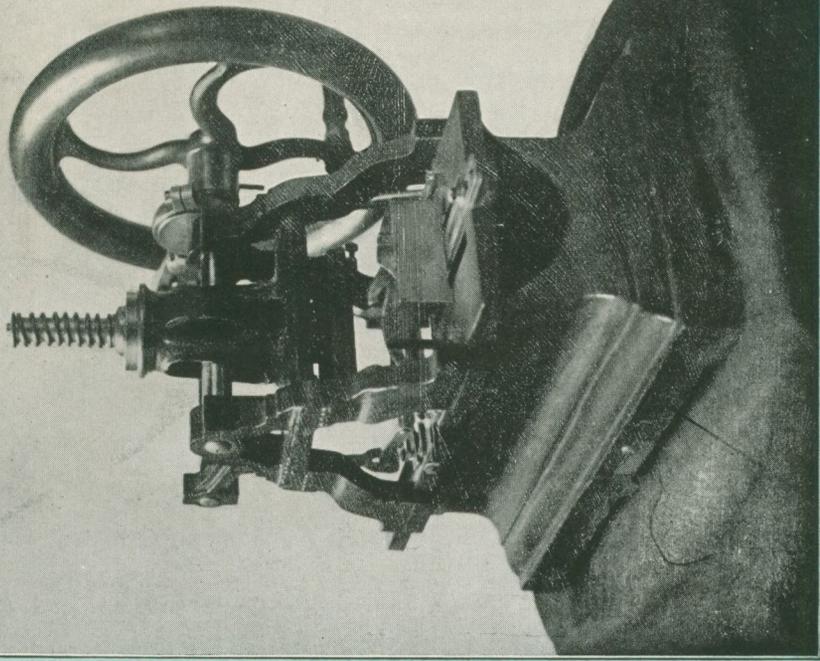
## AQUISIÇÃO DE NOVAS MÁQUINAS

Foi, no entanto, atendendo ainda ás novas exigências e crescentes necessidades dos serviços que já pesavam por demais sobre a força da casa, que deliberámos, para dar-lhe ainda maior impulso, fazer vir da Alemanha mais duas grandes impressoras e mais outras máquinas accesorias, que deveriam ocupar os lugares vagos pela mudança das secções acima referidas, composição e encadernação.

Nos anos de 1922 a 1923, pois, tivemos a viva satisfação de ver chegadas e montadas em seus respectivos lugares, estas duas excelentes máquinas, sendo uma delas talvez das maiores que trabalham em oficinas congêneres do Estado. Esta máquina é do famoso fabricante Johannisberg, e a outra do fabricante Albert & Cia. já fornecedores de algumas delas que a casa ha muitos anos tem em constante serviço.

## PRIMEIRA MÁQUINA DA CASA

Máquina de imprimir cartões de visitas, à mão, com a qual Snr. Castro Mendes iniciou a sua vida em 1876. Esta "preciosidade" ainda existe carinhosamente conservada em nossas oficinas como uma reliquia.



Vieram as duas impressoras providas dos respectivos motores elétricos, melhoramento este de valor inestimável para seu bom e perfeito funcionamento.

Foram ainda, neste mesmo ano, importadas outras máquinas auxiliares que muito vieram concorrer para o aumento e facilidade da produção.

Entre elas se destacam: Uma *cortadeira* de grande capacidade e de grande formato, de funcionamento automático e de notável presteza no trabalho; uma *grampeadeira*, a de maior formato fabricada até hoje (42 m/m), e produzindo tanto que apresenta em horas, resultados que antes eram necessários quasi dois dias de serviço de um operário esperto e muito habilitado.

Para a impressão de *envelopes*, que antes era executadas em MINERVAS e de fraca produção, também foi montada uma engenhosa máquina, tão aperfeiçoada e de força produtiva tão considerável, que em uma hora de funcionamento imprime, com a maior perfeição, cinco mil envelopes, dando-os automaticamente contados e divididos, em porção de 50, com a maior exatidão.

Portanto, no período de 1922 a 1926, ano do seu cinquentenário de existência, a casa atingiu ao grau máximo de sua produção, graças aos melhoramentos introduzidos, não só com edificações novas para aumento de suas seções de composição, encadernação, pautação, etc., bem como com os novos e aperfeiçoadíssimos maquinismos ultimamente recebidos, constante principalmente dos grandes prélos impressores, e mais outros aparelhos acessórios já relatados atrás. Tornou-se ela, portanto, apta a dar cumprimento mais ou menos em tempo, a todos os seus encargos, que realmente se tornaram por demais vultuosos, havendo vezes em que eram necessárias impressões de alguns milhões de exemplares, em relativo pouco tempo, para atender às requisições de seus freguezes em geral e muito especialmente da grande empresa ferro-viária Companhia Mogiana que, deste modo, já bem patenteava o seu grandioso e extraordinário progresso.

As oficinas, às vezes, em prazo relativamente exíguo, têm tomado a seu cargo, trabalhos de notável importância e de maior responsabilidade, assim como impressão de várias e volumosas tarifas, impressão de horários e principalmente dos grandes e valiosíssimos relatórios, tudo advindo daquela grande empresa e por vezes ainda de outras, notando-se que todas essas encomendas, por demais numerosas, eram recebidas com compromissos de entrega, absolutamente sem falta, em dia previamente determinado.

A CASA LIVRO AZUL tem uma satisfação muito viva em poder afirmar que, mesmo lutando por vezes com sérias dificuldades, sendo uma das mais sensíveis, a falta de pessoal técnico, sempre foi vencedora, e deste modo, todos esses seus compromissos foram entregues, inteiramente no devido tempo, sem jamais ter incorrido na mais leve falta ou atraso no trabalho.

## AMPLIAÇÃO DAS OFICINAS

---

Atendendo ao crescimento da casa, pois seu aumento de freguezia se acentuava a olhos vistos, o LIVRO AZUL teve de ampliar suas oficinas, instalando novas secções com maquinismos maiores e mais eficientes, bem como maior sortimento de papeis.

Convem lembrar aqui a primeira compra de vulto, feita naquele tempo, pois orçava em oito contos de réis mais ou menos, a fatura que o Sr. A. B. de Castro Mendes comprou da firma Fernandes Ribeiro & Cia. (hoje Heitor Ribeiro & Cia.), no Rio de Janeiro.

Além disto, foi adquirido também o estoque remanescente do Sr. Joaquim Simões que mantinha nesta cidade, naquele tempo, uma papelaria bem montada.

Por intermedio do antigo negociante francez, Sr. Leon Hertz, a casa comprou uma grande máquina impressora, ALAUZET que até hoje vem prestando inestimaveis serviços. A aquisição e montagem desta máquina foram um acontecimento pois a única até então existente no interior do nosso Estado era a que imprimia a "GAZETA DE CAMPINAS", — jornal de propaganda republicana que tanto prestigio gosava naquela época.

Como em Campinas ainda não havia facilidade de se obter força motriz, tornou-se necessario contratar um homem possante que acionava a roda da Alauzet. Este motor-humano que, aliás, tinha uma força muscular extraordinária, chamava-se Francisco Seixas, — o seu Chico, como era geralmente conhecido. Tipo interessante este *seu* Chico, além da sua agilidade e presteza em manejar o prélo, cuidava da fundição dos rolos e da limpeza da oficina, tudo fazendo com esmero. Ganhava o ordenado de 70 mil réis mensais e deixava-o acumulando na casa, recebendo ao todo, aos 4 ou 6 meses. Com este salário conseguiu acumular o capital suficiente para comprar uma pequena Quinta em Portugal, sua patria, aonde fôra a passeio uma vez.

O material tipográfico foi também aumentado, estando já em funcionamento 4 máquinas impressoras "MINERVA" movidas a pedal, concorrendo tudo para se atender ás encomendas de serviço que cada vez mais se avolumavam.

## MUDANÇA DEFINITIVA DAS INSTALAÇÕES

---

O progresso da Casa cada dia estava a exigir ampliações em tudo, assim, era preciso um prédio maior, com maiores acomodações.

Sabedor que o Sr. Thomaz Pereira da Fonseca, ativo e honrado comerciante daquela época tencionava liquidar seu armazem de louças e molhados finos, sito á rua Barão de Jaguará, o nosso fundador resolveu alugar o prédio por tres anos e, depois de arrematado o *fundo do negócio*, como se dizia, fez-se a mudança da loja e oficina para o mesmo local onde até hoje funciona a Casa Livro Azul. Isto deu-se em principios de 1889, sendo mais tarde adquirido o prédio por compra em 1895.

*Tipografia a vapor* — Como o motor, que até então acionava o maquinário da casa, se tornasse imprestavel, porque a Companhia de Gaz, não podia fornecer força durante o dia, lá por sua alta conveniência, foi deliberado fazer-se a aquisição de outro motor para substituí-lo, e assim adquiriu-se na Companhia Mac-Hardy um vapor de força de 4 H. P. de um famoso fabricante « Kleyton », e este, substituindo com real vantagem o seu antecessor, sendo, dessa época em diante, por longos anos, o *valeroso* impulsador do maquinismo da CASA LIVRO AZUL.

Foi resolvido mais, dotar ainda a casa com grande melhoramento, isto é, transformar toda a sua iluminação, tanto da loja, oficinas e mais dependências, tudo, pela luz elétrica. Foi porisso adquirido um excelente *Dynamo* com força de 20 ampéres, de corrente contínua.

Todas as instalações elétricas foram confiadas á Casa Arens & Irmãos, e daí em diante a iluminação da casa rebrilhava fartamente todas as noites, tendo na frente dois poderosos fôcos de luz de grande força iluminativa, que muito se faziam salientar, porquanto a cidade nesse tempo ainda era iluminada pelo sistema de gaz, que, no confronto com a luz elétrica, muito deixava a desejar.

E' assim que a CASA LIVRO AZUL, foi a primeira, em Campinas, a ser servida por luz elétrica, e ainda mais, com produção própria.

A inauguração de todos estes melhoramentos deu-se no dia 10 de Dezembro de 1898, no meio de grande alegria e com o comparecimento de mais de 500 pessoas, o que naquele tempo representava uma multidão apreciavel

## Uma nota interessante durante a epidemia de 1890

---

Nossa casa não escapou desta contigência e nosso fundador, por falta de auxiliares teve de fechar o "Livro Azul" transferindo-se com sua família para a Capital.

Forçosamente teve de deixar sua terra, tal como tantos outros campineiros.

Em São Paulo, para não ficar na ociosidade, pois que o seu temperamento era feito para o trabalho intenso, o Sr. A. B. de Castro Mendes resolveu estabelecer-se com uma pequena papelaria, á rua Direita, não descurando tambem do negócio de pianos que tanto prazer lhe dava.

Embora trabalhando num meio diferente, não tardou em prosperar e, dentro de alguns meses já havia adquirido um prédio para residência e já pensava em aumentar seu novo estabelecimento comercial.

Dentro de 1 ano, porém, a epidemia em Campinas havia sido debelada, recomeçando a vida normalmente em nossa cidade.

Nosso fundador pensou então no "Livro Azul" e tendo absoluta confiança no futuro de sua terra, não trepidou em vender tudo o que possuia em São Paulo, para voltar incontinentemente ao seu estabelecimento onde começára sua vida de comerciante e onde consumira toda a sua existência representada em 62 anos de trabalhos e triunfos.

---

## VIAGEM DE ESTUDOS

Passados alguns anos, depois da pavorosa epidemia de febre amarela que tanto estiolou Campinas, com dolorosa repercussão pelo interior do Estado, recomeçou a imigração para São Paulo, aqui chegando não só homens para a lavoura, como também operários e artífices.

Logo começaram aparecer em São Paulo algumas fábricas, oficinas e lojas com grande sortimento de mercadorias.

Não tardaram a ser montadas grandes tipografias e papelarias com pessoal competente e maquinário moderno, estabelecendo uma vigorosa concorrência no comércio em geral.

Ora, a "CASA LIVRO AZUL" embora tivesse progredido muito, desde a sua fundação, achava-se no entanto n'uma cidade pequena, sem meios de acompanhar os passos agigantados das oficinas que funcionavam na Capital. Pensando maduramente nisto, o nosso fundador — espirito dinâmico, resolveu adotar uma medida inteligente para não ser absorvido pela concorrência. Foi assim que em Maio de 1900 seguiu para a Alemanha, a-fim-de conhecer pessoalmente todo o progresso e a técnica da arte de impressão, uma vez que este país estava naquela época em pleno apogeu da sua indústria gráfica. Chegando à Alemanha o Sr. A. B. de Castro Mendes visitou as grandes oficinas e as grandes casas que negociavam em papeis, conhecendo também as importantes fábricas de pianos. Tendo percorrido as cidades de Hamburgo, Berlim e outras, nosso fundador demorou-se em Leipzig — a cidade do livro, onde teve oportunidade de visitar as fábricas da firma Carl Krauze, — cuja organização modelar era digna de entusiasmo. Visitou também a Exposição Universal em Paris, tendo então observado tudo que era novidade para o nosso ramo de comércio. Nessa ocasião era exibido no recinto da Exposição o *cinematografo*, ainda em estado bastante incipiente e assim mesmo já chamando a atenção de uma infinidade de apreciadores que enchiam constantemente suas salas de projeção. Castro Mendes interessou-se por esse invento, ao ponto de adquirir um bom aparelho e uma regular porção de fitas, as quais, quando de volta, foram exibidas pelo Livro Azul, em salão do sobrado visinho, graças á energia e luz elétrica que a casa já possuía.

Muitas noites, nessa sala, se reuniam as melhores famílias campineiras, para apreciar a famosa novidade, que era de fato apresentada com perfeição relativa.

Esta viagem foi de incalculavel vantagem para o "LIVRO AZUL", pois data daí que o nosso estabelecimento se impôz ao comércio, como apresentadora de rico e variado estoque, assim como instalações gráficas que podiam se rivalisar com as melhores do país.

Nossa loja ficou sendo o centro de atração não só do público campineiro como dos nossos freguezes de outras localidades que sempre nos visitaram.

Fizeram época pelo seu esplendor, as Exposições em nossas vitrinas, por ocasião das festas do Natal, porque os objetos de arte diretamente importados e o variado sortimento de artigos para escritório, constituíam a admiração de todos.



A Casa Livro Azul em 1920

## EXPOSIÇÕES DE FIM DE ANO

Estas Exposições merecem uma referência muito especial, porisso, que eram verdadeiro acontecimento na vida de Campinas. O sortimento que apresentava, quer no ramo de papelaria, quer no concernente a objetos artísticos e de alta fantasia, era realmente muito interessante e valioso, ao ponto de haver pessoas de fóra que se admiravam e diziam: — Como Campinas sustenta uma casa de tal ordem?

Na especialidade de brinquedos para crianças, era de uma variedade infinita e o sortimento oferecia desde os objetos mais modestos para as bolsas humildes até as mais ricas e de altos preços, que eram com facilidade vendidos às pessoas abastadas daqueles tempos. Durante o dia todo, os salões da casa ocupados com a exposição eram visitados por tudo quanto Campinas tinha de mais *chic* e de mais apurado gosto, tornando-se assim um centro de reunião e de elegancia naqueles saudosos tempos.

Às tardes e às noites, na rua fortemente iluminada pelos possantes fôcos elétricos da casa e que também internamente rebrilhavam com intensidade, se aglomerava uma “verdadeira multidão”, esperando a hora da abertura de suas vitrinas, onde alguns bonecos autômatos, entre os quais um de tamanho quasi natural do homem, fazia movimentos vários, sendo que um fumava cigarros atirando aos lados fortes baforadas de fumo, outro uma soberba *clownesse*, domava um porquinho, com movimentos muito regulares e mais um soberbo *zuavo* francez que enchia a rua com seus fortes toques de corneta, e ainda fazia movimentos muito regulares, de olhos e de cabeça.

Estas exhibições eram continuadas sempre com grande sucesso, ainda no ano novo, do dia de Ano Bom ao de Reis, 6 de Janeiro, quando eram encerradas, voltando a casa á sua regular vida costumeira!

Ao comemorarmos meio século de existência do «LIVRO AZUL», em 1926, sentíamos, naquela época, que aos nossos olhos se desdobrava uma grande perspectiva de promessas e realizações.

Uma esperança de prosperidade animava então a todo nosso povo. Parecia que uma era de paz viria, como um pálio protetor, amparar o trabalho dos homens e consolidar a situação económica do país.

Infelizmente tal não se deu. Em fins de 1929 sobreveio a celebre crise do café que abalou profundamente a economia nacional.

A maior riqueza do Brasil, viu de repente esboroar toda a sua organização e a queda dos preços do café trouxe uma desarticulação de valores que repercutiu imediatamente pelo país, causando a ruína da lavoura.

O comércio, como era natural, sofreu também as consequências funestas deste descalabro financeiro.

A desvalorização das propriedades e a queda de preços do principal produto exportável do Brasil, provocaram um mal estar geral.

No meio desta situação angustiosa surgiu a questão política da sucessão presidencial e, como consequência, uma revolução em 1930 abalou novamente a nação.

As classes produtoras, isto é, o comércio, a lavoura e a indústria, que já vinham fazendo os mais arduos sacrifícios para se manter, tiveram de atravessar um período verdadeiramente desesperador.

Exportação quase paralisada, importação impraticável devido á queda do mil réis, comércio interno diminuído e desamparado, tudo isto foi o quadro alarmante da situação económica do nosso país.

Como se tudo não bastasse rebentou em 1932 outra revolução que durou quasi três meses.

Estes fatores todos serviram para duramente experimentar a resistência do nosso povo, dando-lhe novas diretrizes e abrindo-lhe novos horizontes.

Na luta bravia de todos os dias cada qual procurou re-fazer-se dos abalos, criando-se porisso a concorrência acirrada como meio de cada qual poder vencer.

É com verdadeira satisfação e graças à Deus que pudemos ver vencida mais esta etapa para o nosso estabelecimento comercial.

Atravessámos todos os perigos, resistimos a todos os embates, enfrentámos todas as dificuldades do período anormal por que passou a nossa terra e hoje constatamos que nada diminuiu a nossa ânsia de progredir e que os nossos passos não foram retardados no caminho do progresso.

Apezar desses tempos difíceis, a nossa casa teve o seu movimento sempre aumentado, a ponto de precisarmos adquirir mais maquinismos para a nossa oficina, dobrando o nosso quadro de pessoal, ampliando e criando novas secções na nossa loja comercial.

As crises financeiras por certo refletiram seu estado de coisas em toda a vida económica do país, trazendo fracassos e prejuízos, amolentando as iniciativas e desiludindo o povo.

Mas, os que sempre viveram com modestia, sem alarde nem arrojo, desconfiando dos golpes de aventura no comércio, estes suportaram os embates com firmeza e conseguiram resistir a onda de pessimismo que dominava a todos.

Serviços nunca nos faltaram. Nossa freguezia aumentou sempre e constatámos com prazer que entre nossos freguezes fizemos amigos.

Para atender a todas as encomendas que recebiamos tivemos de ampliar consideravelmente nossas oficinas. Este fáto é a melhor compensação que poderíamos ter na nossa vida de comerciante.

Lutámos sempre com confiança e, escudados pelo nosso passado e firmes no mesmo plano que traçámos desde o início da nossa casa, conseguimos vencer mais este decênio, chegando aos 75 anos de existência do « LIVRO AZUL ».

As novas condições de vida, o desenvolvimento do comércio, o crescimento da cidade, trouxeram o aumento de serviços, requerendo maior soma de energia para atende-los.

---

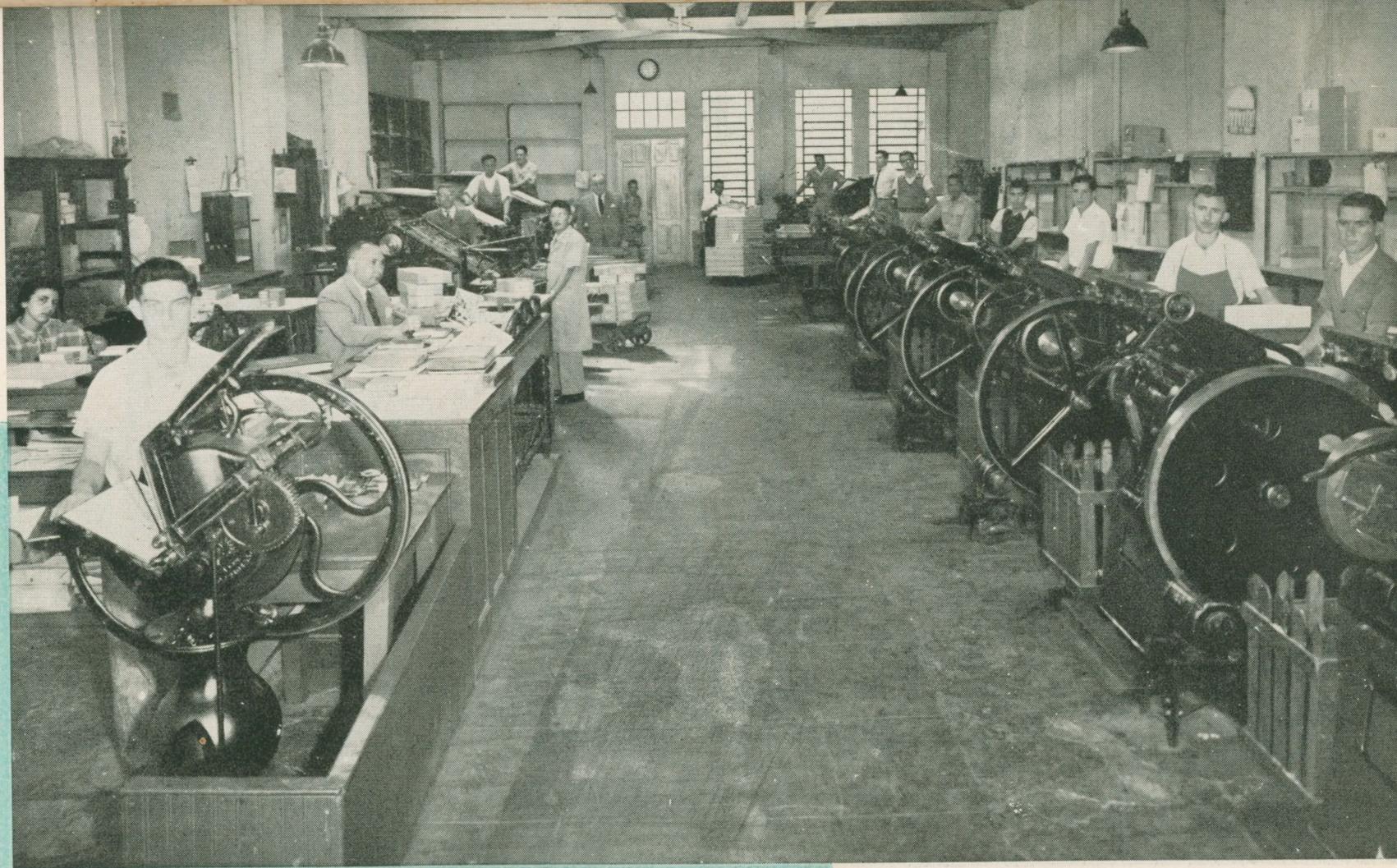


PESSOAL DA CASA EM 1926  
POR OCASIÃO DO SEU JUBILÉO (50.º aniversário)



VISTA GERAL DAS OFICINAS

SECÇÃO DAS "IMPRESSORAS"



SECÇÃO DAS "MINERVAS"



SECÇÃO DE TIPOGRAFIA - COMPOSIÇÃO

## CLESO DE CASTRO MENDES

### SUA ENTRADA NA CASA

Cendo o Sr. Cleso de Castro Mendes, terminado seus estudos no Ginásio do Estado, em 1911 veio tomar o seu lugar nesta casa, como natural sucessor do seu digno Pai.

Nos primeiros tempos e para se orientar sobre a vida comercial do "Livro Azul" começou a trabalhar nas oficinas, depois no escritório, relacionando-se com as firmas fornecedoras e praticando na secção de compras.

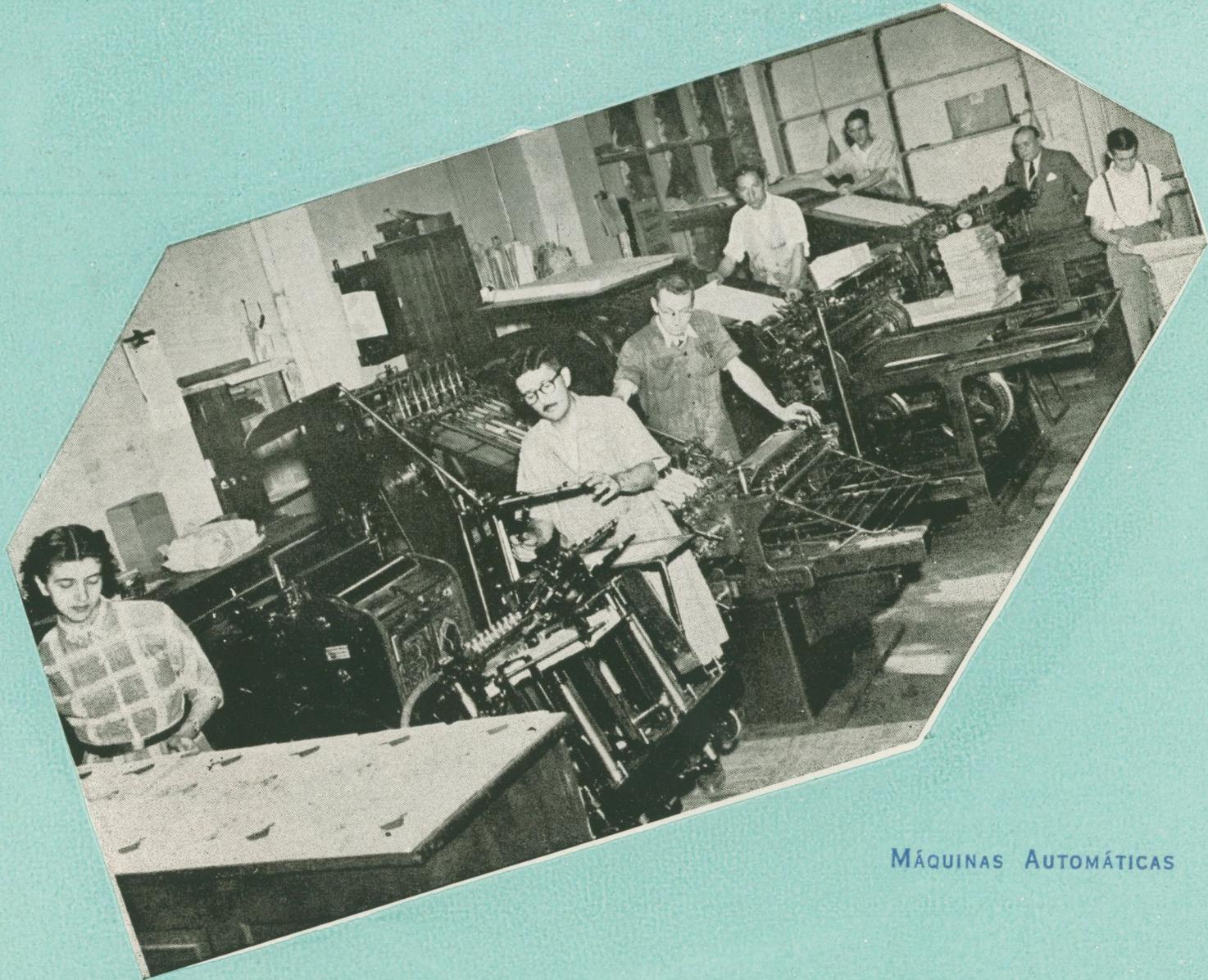
Depois se inteizou do funcionamento de todos os departamentos da casa e desde então vem se dedicando inteiramente ao desenvolvimento dos nossos negócios, seguindo com carinho os ensinamentos paternos que foram: Trabalho, honra e dignidade.

Desde 1911, portanto o Sr. Cleso de Castro Mendes se consagrou inteiramente á nossa Casa, dando-lhe todo seu esforço, sua iniciativa e sua competência.

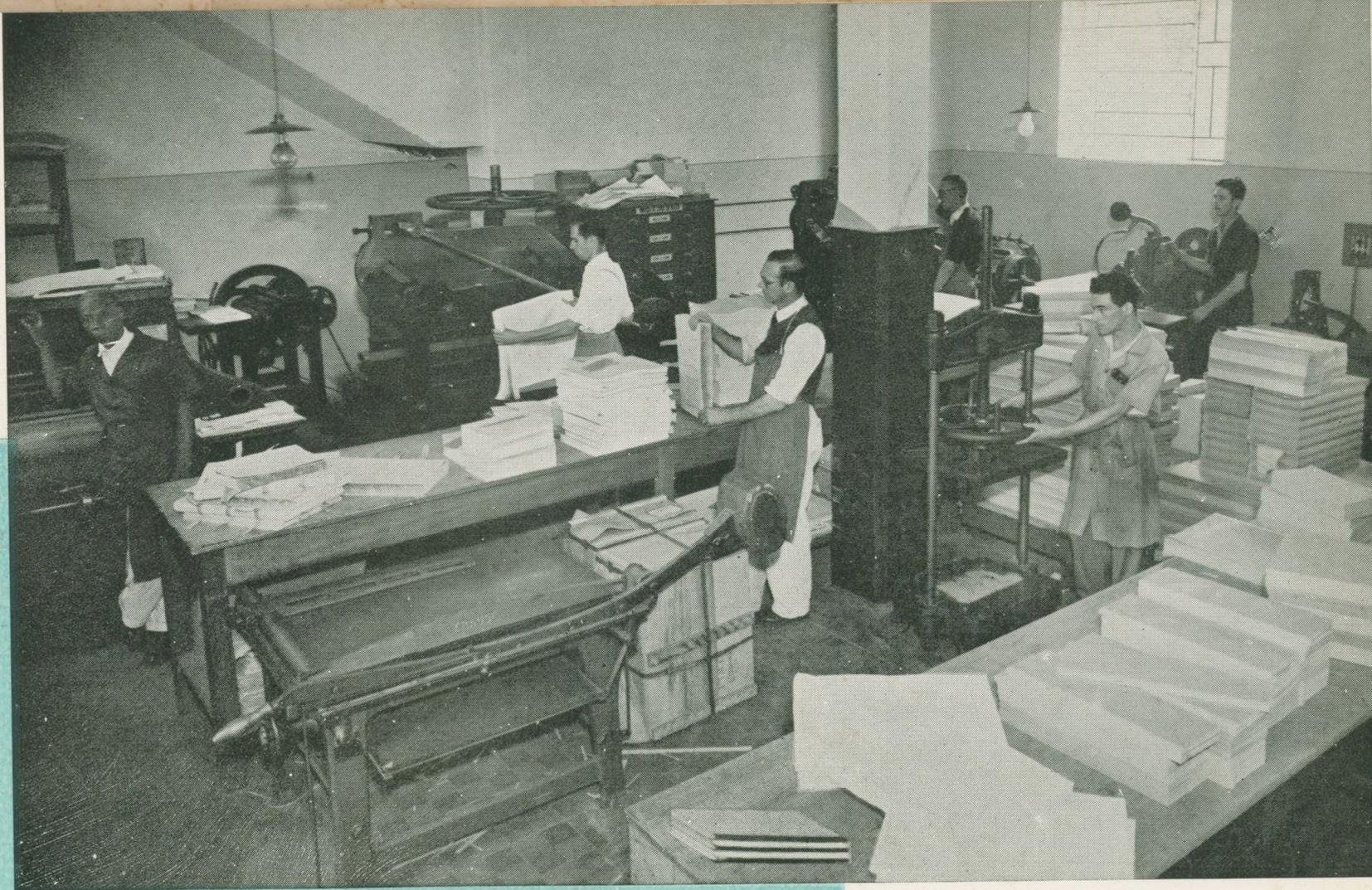
Em 1934 entrou como sócio, passando a firma a girar sob o nome de Castro Mendes & Filho Ltda.

Com a entrada deste sócio-gerente nossa casa ampliou mais ainda suas atividades adquirindo novos maquinismos, abtindo a secção de vendas de papel por atacado e aumentando consideravelmente o sortimento da loja que vem, desde aquele tempo, apresentando esplêndidos artigos e altas novidades importadas das grandes firmas europeias e norte-americanas.

Depois da morte do nosso fundador o Sr. Cleso de Castro Mendes passou a ser o proprietário da Casa "Livro Azul" sob a firma individual de C. de Castro Mendes.



MÁQUINAS AUTOMÁTICAS



SECÇÃO DAS CORTADORAS  
E ENCADERNAÇÃO



SECÇÃO DE BLOCAGEM E BROCHURAS

Tendo assumido a direção da casa, o sr. Cleso de Castro Mendes se propunha a fazer maiores melhoramentos, realizando um plano já elaborado de construir um novo prédio para as oficinas.

Em 1939, porém, estourou a 2.<sup>a</sup> grande guerra, que aos poucos foi convulsionando o mundo, trazendo distúrbios para a humanidade.

A importação ficou completamente paralisada não só quanto ao bloqueio dos mares como á guerra submarina.

Os materiais entraram a escassear, até que houve falta de quasi tudo com que contavam o comércio e a indústria do país.

Quanto á nossa parte, as dificuldades foram tremendas, pois que sempre fomos importadores de papel e de artigos concernentes ao ramo de papelaria.

Mesmo assim, vencendo todos os entraves, ainda conseguimos adquirir e instalar novas máquinas, uma vez que o movimento da nossa casa sempre aumentava com novas encomendas e maiores pedidos.

Lutando com a falta de mercadorias, valendo-nos dos artigos nacionais, superando a falta de operarios para atender ao crescente movimento da casa, não pudemos realizar nosso plano, mas, como solução para o caso, alugamos parte do prédio recentemente construido na rua Bernardino de Campos, contíguo ás nossas oficinas e ali instalámos a secção de encadernação, blocagem, pautação etc.

É bem verdade que durante esta hedionda guerra não nos foi possível, todos os fins de ano, oferecer ao público campineiro as costumeiras exposições de brinquedos e novidades para o Natal, como sempre o fizemos com tanto sucesso.

---

A. B. DE CASTRO MENDES

*A "CASA LIVRO AZUL" que sempre marcou na vida comercial de Campinas, um traço firme do trabalho e progresso, cobriu-se de luto no dia 28 de Novembro de 1938.*

*É que o fundador da Casa, acabava de falecer, legando a todos o patrimônio moral de uma vida longa cheia de exemplos dignificantes.*

*Encanecido e doente, depois de contemplar a altura até onde chegára sua obra, cerrou os olhos para sempre o velho lutador do bom combate.*

*Foi inegavelmente uma grande perda para todos: seus filhos, seus parentes, seus operários e seus amigos que sempre receberam dele inequívocas provas de estima.*

*Sessenta e dois anos de lutas de vida comercial fizeram do Sr. A. B. de Castro Mendes o paradigma da perseverança e da honestidade.*

*Deus quiz lhe dar o descanso merecido, embora deixando um enorme vazio na "Casa Livro Azul", onde a sua lembrança paira constantemente como um nume tutelar.*

*É com saudade profunda que ora publicamos este memorial comemorativo dos 75 anos de existência desta Casa, evocando a figura veneranda do seu fundador e sentindo que ele aqui não esteja vivo para rememorar todos os fatos e as peripécias que presenciámos ou tomámos parte durante a sua irreparável ausência.*

Transcrevemos aqui a noticia publicada pelo "CORREIO POPULAR" de 29 de Novembro de 1938, sobre o falecimento de

## Antonio Benedicto de Castro Mendes

---

*A sociedade e o comércio de Campinas cobriram-se de luto ante-hontem, com a morte inesperada do sr. Antonio Benedicto de Castro Mendes. Perde Campinas, com o desaparecimento do ilustre cidadão, um dos seus filhos mais prediletos ao mesmo tempo que se abre um claro profundo em todos os meios que fazia sentir a sua prodigiosa atividade de trabalho.*

*Decendente de tradicional família paulista, Castro Mendes teve uma existência repleta de exemplos bons, digna de profunda admiração e de um acendrado respeito.*

*Nascido nesta cidade a 12 de Maio de 1856, possuindo portanto 82 anos de idade, Castro Mendes foi em vida um lutador incansavel, um batalhador insigne, mantendo em todas as refregas inquebrantavel ânimo para vencer os casos mais difíceis.*

*Em 1876, fundava nesta cidade uma pequena oficina tipográfica, que, mais tarde, á custa de um trabalho tenaz, esculpulo, de sacrificios inauditos e de uma grande força de vontade, viria se tornar a CASA "LIVRO AZUL" de hoje, estabelecimento que honra o comércio paulista pela sua soberba organização e irrepreensivel aparelhamento técnico.*

*E todo o êxito das iniciativas do ilustre extinto residiam unicamente no seu esforço e operosidade, qualidades com as quais soube vencer, aliadas á sua bondade e grandeza de coração.*

*Mais do que qualquer outro foi um grande amigo dos seus operários, e uma prova insofismavel dessa afirmativa está no fato de possuir na CASA "LIVRO AZUL" empregados com vinte, trinta e até mais anos de serviço ininterrupto. Com uma visão clara e humana dos problemas sociais, antecipou no referido estabelecimento as conquistas trabalhistas, pois muito antes do advento da lei de 8 horas, lei de férias etc. os empregados do "LIVRO AZUL" já desfrutavam dessas regalias.*

*Ao par de sua capacidade comercial, Castro Mendes possuia verdadeira veneração pelas artes, principalmente pela música, tendo fundado ha muitas anos nesta cidade o Clube "LIVRO AZUL" cenáculo de consagrados artistas, do qual faziam parte Coelho Netto, Leopoldo Amaral, Guiomar Novaes, D. Amelia de Rezende Martins e muitos outros. Foi intimo de Carlos Gomes, tendo a sua casa sempre aberta para os grandes artistas de São Paulo e do Rio.*

*Campineiro dos mais bairristas, prestou á sua terra natal assinalados serviços, principalmente durante a epidemia de febre amarela. Foi vereador em diversas legislaturas, e a sua palavra, seu bom senso, pesaram na solução de problemas de magno interesse para a coletividade.*

*O nome de Castro Mendes está ligado a várias instituições filantrópicas e religiosas, tendo sido membro da diretoria do Asilo de Inválidos, Hospicio de Dementes, dos Conselhos Consultivos da Caixa Económica do Estado, da Associação Comercial e provedor da Sta. Casa de Misericórdia.*

*Castro Mendes foi, em suma, pelo equilibrio de suas atitudes, retidão de caráter, honradez, cultura e civismo, um cidadão modelar, útil á sua terra, ao seu povo, á sociedade e á patria. Sobre sua figura, escreveu Coelho Netto.*

*"Em Castro Mendes a inteligência e o coração vivem em boa aliança com a energia e o trabalho".*

*Daí a repercussão profunda e dolorosa que causou em todos os meios sociais a noticia do seu falecimento, tendo o seu sepultamento, pela extraordinária concorrência de povo, ricos e pobres, sido uma clara e positiva interpretação do pesar público.*

## EDIFÍCIO "LIVRO AZUL"

A pesar das fases agitadas porque passou o nosso país, repercutindo na marcha do comércio em geral, a nossa casa continuou progredindo.

O movimento sempre crescente estava a exigir uma réforma do nosso prédio.

A CASA "LIVRO AZUL" representa uma tradição da cultura campineira. No seu salão de música se reuniram muitas vezes os artistas que visitavam a cidade. Ali Coelho Netto fez as suas mais lindas palestras e escreveu a « Pastoral », de tão grande sucesso.

Por isso, não foi sem grandes embaraços que deliberámos demolir o prédio velho que para nós guardava tão gratas recordações.

Para comemorarmos, no entanto, o 60.º aniversário de nossa casa, resolvemos construir um novo prédio no mesmo local.

Contratámos a construção de um prédio de 3 andares, onde estamos instalados.

O novo edificio é de linhas modernas e sóbrias, com um amplo salão terreo onde instalámos nossa loja com suas diversas secções consideravelmente ampliadas. O 2.º andar está ocupado com mais três salas para nossos escritórios, arquivo etc.

As salas do 3.º andar foram cedidas a diversos locatários para escritórios comerciais.

Para completar nosso plano de réformas é pensamento nosso construir também, oportunamente, um prédio apropriado para as nossas oficinas, dotando-o de todos os requisitos necessários para a montagem de novos maquinismos e ampliação das secções existentes.

Assim, iremos assinalando com marcos de pedra, as etapas vencidas na nossa vida comercial.

O 75.º aniversário da CASA "LIVRO AZUL", é motivo de júbilo para nós, não só por vermos compensados os nossos esforços e a nossa dedicação, como por nos sentirmos engrandecidos com a confiança e a preferência do público campineiro á nossa casa.

Quando este júbilo que ora sentimos nada represente para os demais, nem tenha repercussão lá fora, resta-nos agradecer

a Deus pelas dádivas de nos ter proporcionado esta alegria e ficará para nós o consôlo de que a nossa vida de trabalhos representa 75 anos de perseverança.

\* \* \*

Quem, como nós, se vê na encruzilhada da vida, a recordar o sol da mocidade no crepúsculo da velhice, é grato contemplar o panorama da hora presente.

Campinas ha 75 anos atrás era uma pobre terra quasi sem recursos e era no entanto a principal cidade do interior de São Paulo. Nossa casa, modesta embora, foi a primeira importadora de pianos. As dificuldades eram enormes para o comércio. Tudo quasi primitivo e sem largas perspectivas.

O progresso, entretanto, vinha caminhando. Depois da República começou uma aurora de entusiasmo e um afã de novas conquistas.

As Estradas de Ferro, incipientes, levaram a civilização para as terras dadas do nosso Estado, carreando os produtos das lavouras, criando novas fortunas com o amparo dos transportes.

A imprensa cresceu e difundiu o pensamento de progresso dentro da idéia do trabalho organizado, isento do elemento servil da escravidão.

Extrangeiros loiros e robustos aportavam ao nosso Estado, de enxada ao ombro, para desvirginar a terra e formar lavouras.

Os carros de bois que entravam cantando pela cidade, eram o hino da fartura que vinha das fazendas.

Carlos Gomes, recém-chegado da Italia, coberto de glorias, enchia de orgulho e entusiasmo a sua cidade que se elevava como o maior centro artístico do país.

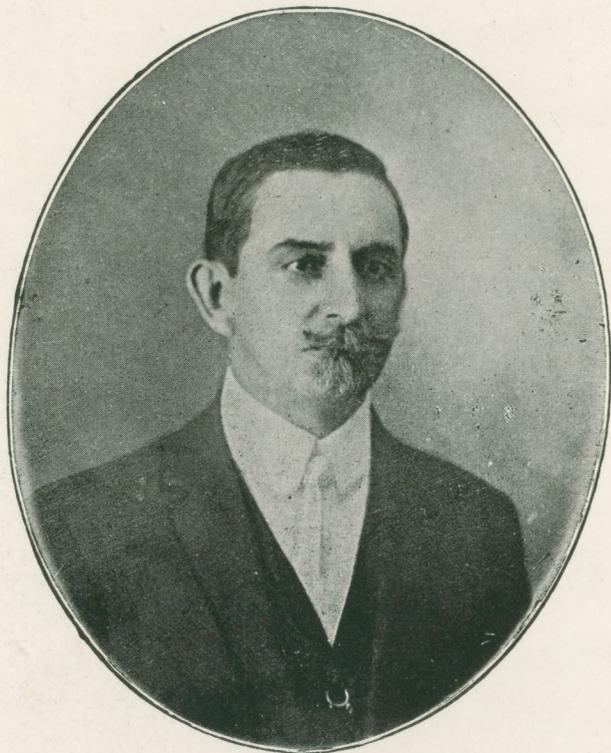
Depois vieram as epidemias. Campinas a custo pode se refazer de tamanho abalo. O povo que se refujára para outras bandas, aos poucos foi voltando, recomeçando o seu trabalho.

Data daí o progresso crescente da cidade. Hoje depois de mais de meio século, contemplamos o passado e nos extasiamos diante do progresso atual.

São Paulo cresceu em todos os sentidos. Campinas acompanhou-lhe os passos. As crianças de hoje, vendo os automóveis e os aviões, nem tem idéia dos carros de bois, dos escravos e dos imigrantes. E' o progresso!



Edifício "CASA LIVRO AZUL" aspecto atual  
RUA BARÃO DE JAGUARA, 1297



JOÃO B. DE CASTRO FERRAZ

*Sejam estas palavras de recordação á memoria do antigo gerente da "CASA LIVRO AZUL" — o "Seu Ferraz" — que nos tempos difíceis da nossa Casa, ha anos atraz, desempenhou o cargo de sócio gerente, sempre operoso e competente, deixando de sua atuação as mais gratas lembranças.*

*Nesta hora que comemoramos mais um marco luminoso na história de nosso estabelecimento comercial, volvemos nossos pensamentos para o antigo companheiro que com sua morte legou-nos um passado cheio de saudosa veneração.*



JUVENAL ARNALDO PINHEIRO  
Chefe dos Escritórios

É com prazer que assinalamos a colaboração eficiente do Chefe dos Escritórios — JUVENAL ARNALDO PINHEIRO — antigo funcionário de nossa Casa e que tem sabido corresponder magnificamente à nossa confiança, contribuindo da melhor fôrma para o bom andamento dos nossos negócios.

Elemento de grande valia a quem confiamos toda responsabilidade da Casa, pela sua competência e retidão de caráter, deixamos aqui os nossos agradecimentos.

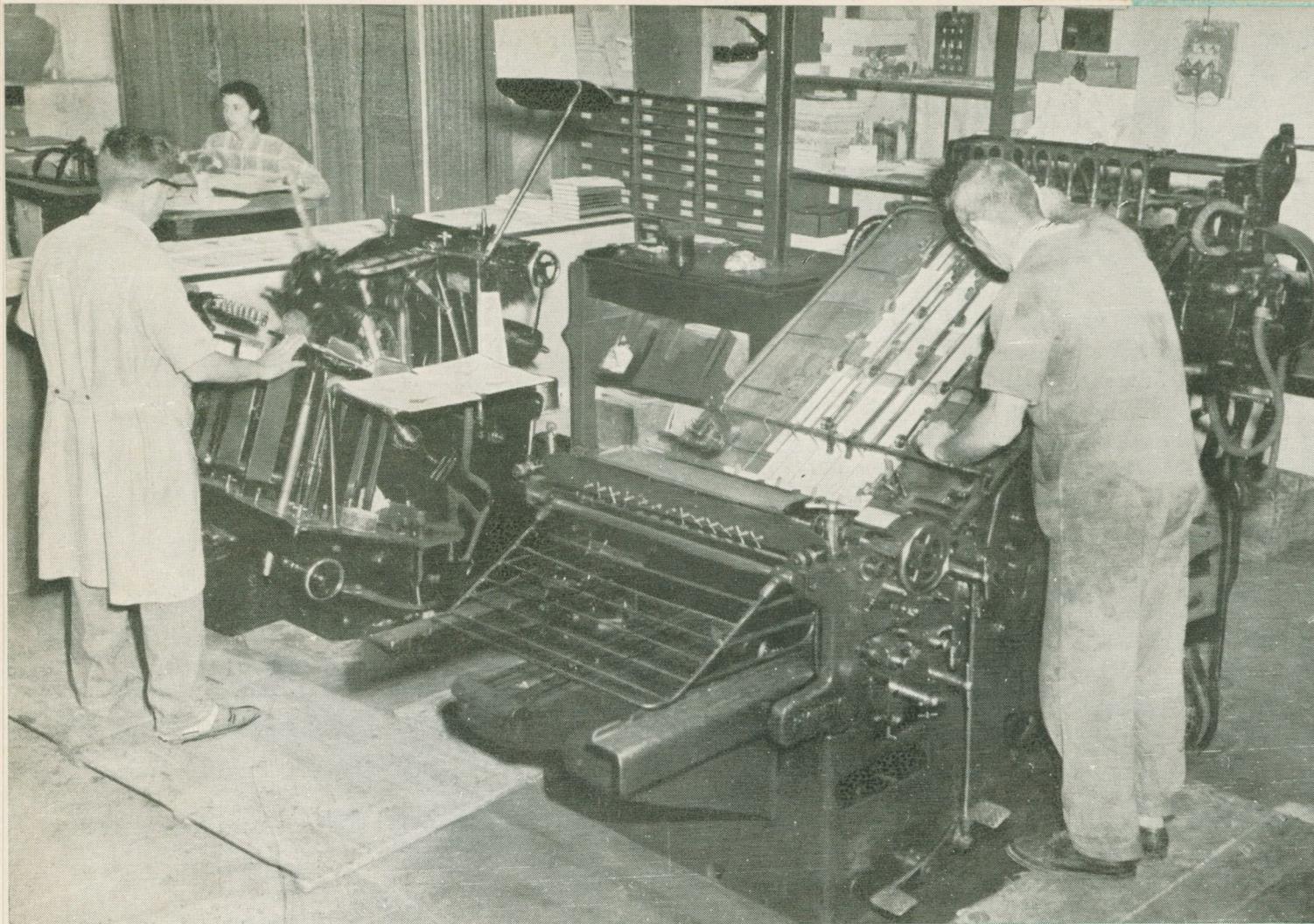


Funcionário exemplar que se fez em nossa Casa, pois desde menino é nosso auxiliar, ANTONIO MENDES DA SILVA LEITE, o Totó, como é conhecido, é merecedor do nosso preito de admiração e agradecimento, pela sua lhaneza e pelo seu acendrado amor ao desenvolvimento do "Livro Azul".



ANTONIO MENDES S. LEITE  
Contadoria e correspondência





O ACERTO DAS AUTOMÁTICAS



ALBANO BERNARDES DE GOUVEIA  
Chefe das Oficinas Gráficas

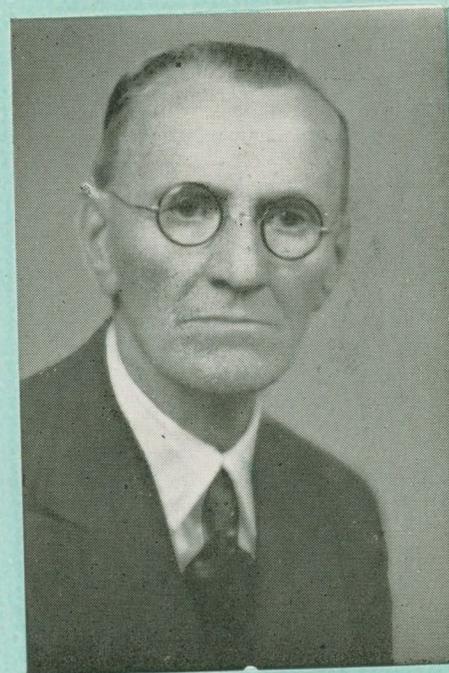
*Chefe de nossas oficinas gráficas — Albano Bernardes de Gouveia, dinâmico e dedicado auxiliar, é o colaborador eficiente que nunca se intimidou nas situações mais árduas de nossos trabalhos, sempre animado a emprestar todo o seu esforço e competência de verdadeiro técnico às diversas secções a seu cargo.*

*Correto e infatigável grande amigo da Casa e de seus companheiros de trabalho, deixamos aqui nossa admiração e agradecimentos.*



*Com grande satisfação prestamos aqui uma particular e merecida homenagem ao nosso mais antigo auxiliar, Sr. Fabiano Berling.*

*O homenageado vem prestando os seus inestimáveis serviços ao "Livro Azul", há 59 anos, isto é, desde 20 de Setembro de 1892. quando entrou para as nossas oficinas, ainda criança, pois contava apenas 13 anos de idade, trabalhando desde então, ininterruptamente em nossa Casa.*



FABIANO BERLING



*Isabel Franco*  
Auxiliar do Escritório



*Albertina Morelli*  
CAIXA — Secção Loja



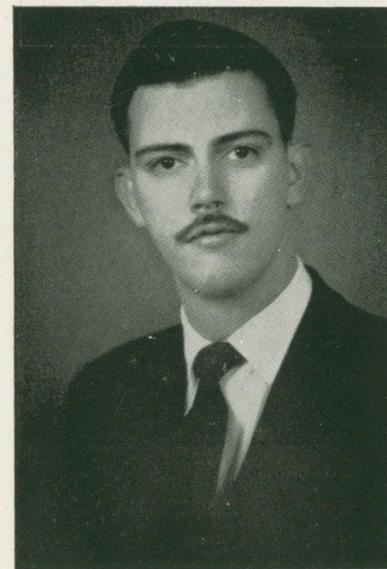
*Nívea Varanda*  
Auxiliar do balcão



*Plínio F. Silveira*  
Auxiliar do balcão



*Waldomiro de Paula*  
Encarregado Secção de Impressos



*Isolésio F. Monteiro*  
Auxiliar do balcão

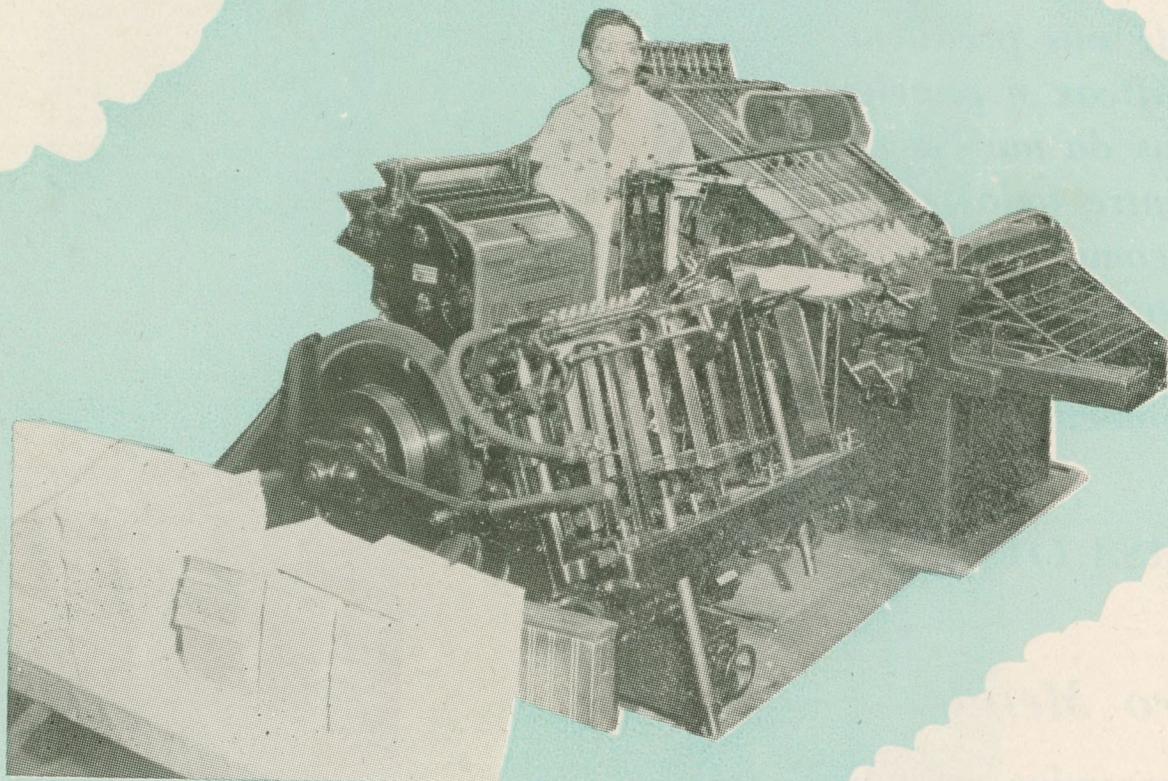
AOS NOSSOS BONS AMIGOS  
E COLEGAS DE CAMPINAS

*Laços de amizade nos prendem às demais empresas gráficas e papeleiros desta cidade, oriundos da mais perfeita harmonia existente entre todos, não só pela ética comercial como pela reciprocidade de finezas e atenções, motivos estes que nos levam a dedicar-lhes esta página, como uma homenagem sincera da Casa Livro Azul.*

*Assim pois, a CASA LIVRO AZUL,  
pelo seu titular*

*C. de Castro Mendes*

*apresenta aos seus presados colegas —  
GRÁFICOS, LIVREIROS e PAPE-  
LEIROS de Campinas, suas saudações  
efusivas, com os seus melhores agrade-  
cimentos pelas atenções que lhe têm sido  
dispensadas.*



Aos nossos

Operários e Empregados

III

Dedicamos esta página de homenagem a todos os bons e leais operários e empregados que, com seu esforço, dedicação e honestidade, têm contribuído para o progresso e prestígio da "Casa Livro Azul".

III

A todos estes dedicados colaboradores, deixamos aqui nossos agradecimentos.

AOS NOSSOS AMIGOS,

FREGUEZES E FORNECEDORES

*Deixamos aqui nossos agradecimentos pela preferência e gentilezas dispensadas ao "Livro Azul".*

*É-nos grato dizer que durante 75 anos de vida comercial sempre recebemos a visita e o apoio dos nossos freguezes e o trato amigo dos nossos fornecedores, mantendo com todos êles laços preciosos de amizade.*





SECÇÃO DE TALONAGEM E BROCHURAS

Assinado por «Anselmo Ribas», pseudônimo do eminente escritor Coelho Netto, foi inserto no rodapé do importante órgão da imprensa — o ESTADO DE SÃO PAULO, do dia 17 de Fevereiro de 1904, o excelente trabalho que em seguida vai transcrito e que encerra tanto brilho, quanta benevolência que muito nos sensibilizou, penhorando-nos sinceramente.

Transcrevemo-lo neste «Memorial», não só como prova de nossa sincera gratidão, mas também como homenagem ao seu ilustre autor.

## AO LIVRO AZUL

“Se tivéssemos uma centena de homens como o principal proprietário da Casa *Ao Livro Azul*, de Campinas, a nossa indústria, tão mesquinha e apocada, já estaria competindo vantajosamente com a do estrangeiro que é a ventosa maior a sugar a nossa fortuna

Nós somos um povo que vive à flor da terra: não passamos, em tudo, da superfície. Lançada a semente no solo mal preparado, solto o rebanho nos campos esperamos a flôr anunciadora do fruto como esperamos as crias do gado recolhidas pelos pastores.

A vida agrária no Brasil, com exceção de alguns municípios onde, á força de insistente propaganda, vão sendo introduzidos melhoramentos é, com pouca diferença, a mesma dos povos pelásgicos e etruscos, talvez ainda inferior em certos pontos se a cotejarmos com o que diz Hesiodo nos *Trabalhos e os dias* e com as máximas dos homens fortes que enriqueceram o campo latino.

É vergonha confessarmos que nos períodos iniciais da nossa vida, quando eramos tratados á virga férrea pelo dominador cruel, quando não tínhamos direitos e, todo o paiz, do Norte ao Sul, era uma vasta e tristonha feitoria, trabalhavamos com mais empenho na exploração das riquezas naturais. Mineiros brocavam as pedras, abriam galerias nos montes, escavavam os outeiros seguindo o filão que, sinuosamente, reterculava o fundo da terra; faiscadores representavam as aguas ligeiras dos correjos procurando o diamante raro, almocáfres e bateias não paravam e a pedra entregava aos erarios a sua veia côr de sol e os rios davam os diamantes que eram como gotas das suas límpidas aguas cristalizadas em brilho.

Os que se internavam iam descobrir jazidas, pedreiras de mármore, claros granitos, pedras preciosas de côres varias e lenho de arôma ou que instilavam a tinta, aves de plumagem admiraveis, animais de pêlo sedoso. Com aparelhos rudimentares homens diligentes iam tentando as primeiras indústrias: pequenas fábricas cresciam em cantos remotos — era aqui o tecelão cardando e tecendo o pano; ali o oleiro dando fôrma ao barro, adiante a forja flamejando e ressoando as pancadas dos malhos. Estendido em giraos o couro era curtido e ia para o seleiro ser trabalhado finamente, ornamentado de prata e ouro e, pouco a pouco, a indústria ia crescendo, desenvolvendo-se e estaria hoje em condição próspera se não houvesse, com o modorrar dos homens, caído em lastimável miséria.

Houve perseguição, não nego, mas, quem matou a iniciativa foi o proprio nacional com a sua xenomania ridícula, resto, talvez, do hábito de servilismo adquirido no tempo da dominação. Chegamos ao apuro, como já notou, com tristeza, um cronista fluminense, de etiquetar os produtos da indústria brasileira com falsos emblemas e marcas estrangeiras para que tivessem saída, porque o consumidor não comprava a mercadoria pelo que ela vale senão pela sua procedência ultra-marina e fossem lá dizer ao empedernido homem da rotina que, hoje, no Brasil, fabricam-se calçados superiores aos da importação avassaladora, chapéus, moveis, tecidos, vidraria, etc., tão bons como os que nos vêm de fóra e eles fariam um mo-mo repelindo, com desprezo, a manufatura indígena.

O industrial não vive exclusivamente de fazer propaganda, recebe da animação do governo e do favor do público. O govêrno só agora começa a mover-se e o público, graças á crise, a bendita crise que nos está dando uma forte lição de economia, a principio comprou o nacional por ser barato e agóra já o vae comprando porque, com a experiência, convenceu-se de que não é inferior ao outro.

Para concorrer com o estrangeiro é necessário dar ao produto nacional não só a utilidade como a beleza do que vem de fóra, e, para tanto, convém que o industrial tenha atividade e gosto e fiscalise, com escrúpulo, todos os produtos da sua fábrica.

O estabelecimento a que me refiro é dirigido pelo sr. Antonio Benedicto de Castro Mendes, um campineiro em cujas veias deve haver sangue de bandeirante. A história desta casa que é, no gênero que explora, uma das mais notaveis do Estado, senão da República, é longa, não cabe na medida estreita de um rodapé. Começou em 1876, com o capital de Rs. 1:200.000 e uma pequena máquina *Magand* para imprimir cartões. O fórté da casa era, então, a fatura de caixas de papelão que a fábrica de chapéus dos irmãos Bierrembach consumia: depois ensaiou as encadernações e, pouco pouco, sem arrojarse temerariamente, o proprietário, que apartára a sociedade com que iniciára a vida industrial, foi dilatando a oficina — hoje instalando um prélo de mão, encomendando amanhã uma máquina de pautar sortindo a loja, mandando vir um piano, um bronze artístico, um cristal de gosto. Sorrindo-lhe a fortuna estabeleceu-se no prédio que hoje ocupa á rua Barão de Jaguará, e dividiu a casa em tres secções — a loja para venda de objetos de escritório, brinquedos, bronzes artísticos, cristais, porcelanas das grandes fábricas; a sala dos pianos onde ha sempre um grande *estoque* dos sonoros Kohl dos quais é o sr. Mendes o único importador no Brasil. É a sala de honra, — nela reúnem-se frequentemente, á noite, as principais familias campineiras e faz-se música e palestra; nela nasceu o *Club Livro Azul* que, depois de realizar, com êxito, dois concertos íntimos, levou arrojadamente á cena a *Pastoral*, Ao fundo a oficina, em tres lances: no primeiro as secções de composição, impressão e encadernação, no segundo a estereotipia, no último pautação, aparação e brochura. Todo o estabelecimento é iluminado a luz elétrica.

Em 1900, o sr. Castro Mendes, desejando fazer progredir a casa, fez uma viagem á Europa visitando inteligentemente todas as grandes fábricas de papel e material tipográfico da França e da Alemanha. A sua visita não foi a de um simples curioso mas a de um homem que se queria instruir acompanhando, nas oficinas, o traba-

lho dos operários — vendo fazer a massa do papel, sair a folha, compor-se a linha, paginar-se o jornal, mover-se o prélo, tudo com a precisão e a limpeza que tornam admiráveis tais trabalhos. Depois, sempre desejoso de ver os progressos da sua indústria e pensando em aplica-los no Brasil, percorreu as oficinas de gravura, de estamaria, de cromotipografia, de fototipia e fotogravura; visitou as grandes fábricas de brinquedos de Nuremberg, as cristalerias alemãs e, sem esquecer os pianos lá foi também ao grande empório de Kohl de onde saiu entusiasmado. De volta á patria resolveu reformar a sua oficina dotando-a com todos os melhoramentos que vira e, desde então, começou o trabalho tenaz do homem contra a indiferença e a rotina.

As suas publicações apareceram e, em todas, sentia-se o gosto de quem as dirigia. Foi ele o primeiro que, no Brasil, ilustrou o papel de fantasia e tentou a impressão a côres em simples cartões de festas e quem quizer julgar o *Livro Azul* deve folhear o *Especimen do Material tipográfico* da casa, publicado este ano, que consta de 311 paginas lindamente impressas, com uma imensa variedade de tipos, de clichês simples e a côres, vhneta-, azurés, etc.

Hoje, trabalhando ativamente, não consegue o industrial, apesar das numerosas máquinas que se acham instaladas na grande oficina, dar vasão ás encomendas que lhe chegam de todos os cantos do Estado. O *Livro Azul* trabalha para Santos e o número de seus freguezes cresce de dia para dia na ativissima cidade, trabalha para São Paulo mas o que, em verdade, põe em febril agitação a grande oficina é a *Mogiana*, o colosso ferro-viário que manda para a casa campineira todo o seu trabalho de tipografia e de papelaria—desde o simples *tiquete* até o monstruoso relatório alastrado em complicados mapas e em tabelas que dão a vertigem.

As encomendas que chegam do escritório da companhia, é um dos orgulhos desta cidade de Campinas que devia ser o empório da indústria paulista, não ficam em milheiros, exigem sempre milhões e, o rumor das polias, o rodar dos vagonetes, o chiar das caldeiras, o ranger das prensas, os silvos do motor, o jorrar do metal fundido nos fornos de clichagem, a pressa ansiosa dos operários, toda a agitação febricitante da casa é pela formidável consumidora, a Estrada de Ferro que se abastece na oficina campineira, não por mero baírrismo, como se poderá supôr, mas porque a proposta do sr. Mendes foi a mais vantajosa e porque o seu trabalho não receia o confronto com o mais nítido de qualquer outra casa.

Nos dias de grande faina é vel-o, de branco, ora no escritório, assinando a correspondência, examinando faturas, escolhendo papel, respondendo a telegramas, examinando originaes: versos amorosos e contos, — os inimigos irreconciliaveis! relatórios de municipalidades, um ror de coisas diversas que pedem distribuição e lá vai êle para a oficina entender-se com o chefe, o habilissimo sr. Ricci, combinar uma disposição harmônica, escolher o tipo, o formato. E pára um minuto diante de um prélo, examina a impressão, vai a outro; detem-se junto do pautador, fala ao impressor, toma nota registrando as brochuras prontas, chega á clichagem, passa á sala da pautação onde trabalham meninos e já vem responder a uma consulta, acudir a um freguez, atender a uma reclamação, sempre no borbo-rinho, feliz no meio dos operários, amigo de todos e, tão afeiçoado

á oficina que, não é raro vel-o afagando um dos prélos, falando de-le carinhosamente como se a pesada engrenagem lhe sentisse o afago e ouvisse as palavras carinhosas com que êle se refere á «sua utilidade».

Das sete da manhã ás cinco da tarde o rumor é incessante, o movimento não pára. De repente, em contraste com o estridor das máquinas, sôa docemente uma sonata, — é alguém que chega para experimentar um piano ou telinta um guizo de polichinelo, — é uma criança que ajusta o brinquedo e a vida estúa no meio do trabalho forte e o homem sente-se feliz, orgulhoso naquela agitação, naquele ininterrupto refferer de atividade vendo frutificar o seu esforço, compensados os seus sacrificios, pagas todas as horas amargas e dificeis do começo da vida e lembrando-se do tempo em que, com um único operário, num exiguo recinto, fazia a escrituração de um ano em um caderno pequeno de cem folhas.

Á noite, no silencio do repouso, a casa fulgura e o Castro Mendes, sentado entre os pianos, enquanto espera os amigos infalíveis, folheia catálogos. Não está ainda satisfeito, quer desenvolver a casa, prepara-se para maiores cometimentos, alargar a sua esfera de ação e, ás vezes, calmo, com os olhos perdidos, balançando a perna, é interrompido por alguém: «Estava sonhando». Ele sorri... Sim, estava sonhando porque sonha sempre com a oficina modelo, a grande empreza igual ás que viu na Europa com imensos prélos luzentes e complicadas máquinas expeditas fundindo o tipo, paginando os *paquets*, levando ás paginas aos prélos sob a direção de operários inteligentes que dirigem aqueles monstros de aço com pastores dirigem mansos rebanhos. Levanta-se e... começa a sessão musical ou trava-se a palestra alegre.

O seu interessado e irmão sr. João Ferraz, é o homem múltiplo—não há defeito nas máquinas que ele não corrija, nota desharmonica nos pianos que ele não afine, mecanismo complicado de brinquedo que ele não acerte e se as lampadas trepidam, é ele quem lhes fixa a luz.

Os que se queixam da nossa decadência industrial deviam conversar com o ativo proprietario do *Livro Azul* e êle lhes diria a verdade — que a culpa não é do estrangeiro que nos esmaga, mas nossa que nos deixamos esmagar. Para vencer não é preciso muito, basta ter o que é tão raro no brasileiro: Vontade! É essa a deusa que faz prosperar a casa campineira onde a Inteligência e o Coração vivem em boa aliança com a Energia e o Trabalho.

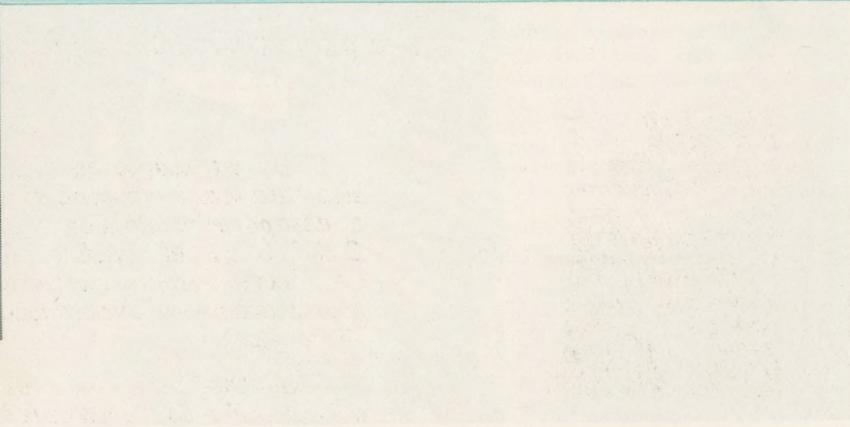
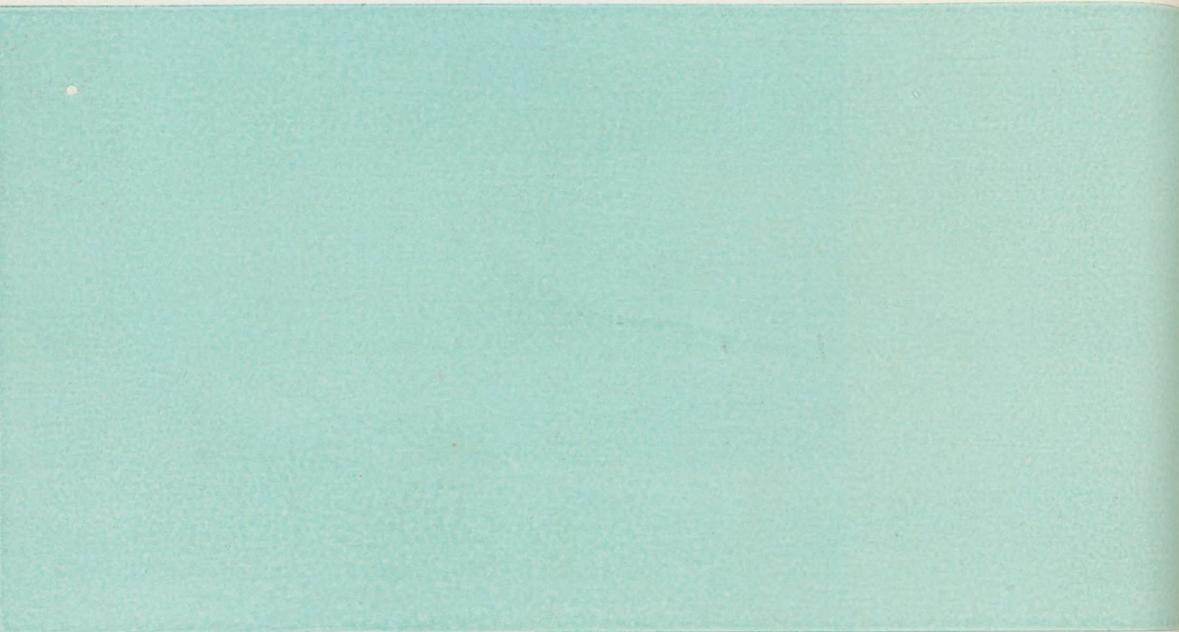
Anselmo Ribas



DEPÓSITO DE PAPEL



SEPARAÇÃO E PREPARO DO PAPEL



DEPOSITO DE PAPEL

## IN MEMORIAN



Salvador Colasanti

*Esta página é um tributo de saudade da Casa Livro Azul, ao seu antigo auxiliar SALVADOR COLASANTI, falecido em 11 de junho de 1951.*

*Admitido a 5 de maio de 1902, esteve a nosso serviço pelo espaço de 49 anos, trabalhando ininterruptamente durante êsse período, dando sempre provas de excepcionais qualidades no cumprimento de suas atribuições, tendo deixado exemplos que, infelizmente, hoje são raros de imitação, pois, dotado como éra, de um caráter incorruptível, além da frequência assídua ao trabalho, declinou do nosso oferecimento para que se aposentasse do serviço, sem prejuízo dos seus vencimentos, dizendo-nos que apesar dos seus 68 anos de então, achava-se apto a trabalhar como qualquer moço!*

*Á tão devotado auxiliar aqui fica a expressão da nossa imorredoura saudade.*

\* \* \*



OLESIO

*Da publicação do ultimo Memorial em 1946 até esta data temos a assinalar e, isso com bastante pesar, o desaparecimento dos nossos dedicados auxiliares OLESIO DE MORAIS e ATTILIO SATIM, colhidos pela morte quando emprestavam com tanta eficiência e dedicação sua colaboração às atividades da Casa Livro Azul.*

*A esses dois saudosos amigos, deixamos aqui a expressão de nossa saudade e as nossas homenagens.*



ATILIO



SECCÃO DE EXPEDIÇÃO

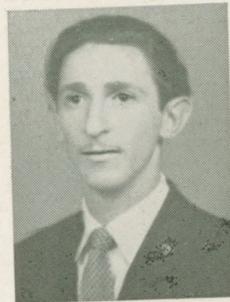
## Premio de Assiduidade ao Trabalho :-: Galeria dos Campeões de Frequência



*Adalberto Sarmiento*



*Aldo Castro*



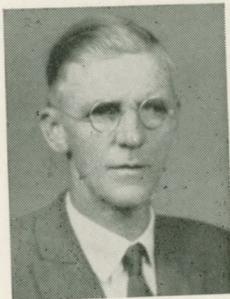
*Clemente Salim*



*Iliria Di Lazari*



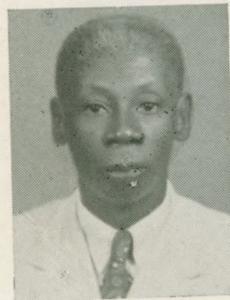
*Italo Luchesi*



*João Bell*



*José Zuchetti*



*Luiz A. de Souza*



*Luiz Traza Neto*



*Reinor de Oliveira*

Já de há muito vimos premiando os nossos operários que dão 100% de frequência ao trabalho e temos a satisfação de observar a ânsia, até mesmo o sacrifício que fazem muitos deles para obter colocação no quadro de frequência, quadro este que figura em lugar de destaque em uma das dependências de nossas oficinas.

Dividimos esses premios em dois períodos durante o ano — primeiro e segundo semestre, premiando todos aqueles que nesses períodos conseguem não faltar meia hora de serviço, tornando-se portanto campeões de frequência ou assiduidade ao trabalho.

De todos eles, é justo destacar-se um que vem batendo todos os records, tornando-se *Campeão absoluto*, e isso pelo espaço de cinco anos consecutivos e este é o Sr. ADALBERTO SARMENTO, velho e dedicado tipografo que presta seus serviços à casa ha mais de 20 anos.

Além destes, outros também conseguiram *assinar o ponto* durante o ano todo, sem uma falta e aqui, com satisfação registramos os seus nomes como campeões de 1950.

### UMA NOTA DE DESTAQUE



**JULIETA DE SOUSA** — Ainda quasi uma criança, ingressou no quadro de nossos empregados em 10 de Julho de 1915, tendo logo conquistado a nossa confiança pela sua dedicação e zelo no cumprimento das suas atribuições, ocupando hoje destacado lugar na seção de encadernação, onde se fez creadora da estima de seus chefes e de suas companheiras de trabalho.

==== A esses auxiliares, exemplo de dedicação e amor ao trabalho, as homenagens da CASA LIVRO AZUL =====



DEPARTAMENTO DA CONTADORIA



SECCÃO DO ARQUIVO



SAÍDA DO PESSOAL DA SECÇÃO GRÁFICA EM 1946

# Relação dos auxiliares da «Casa Livro Azul»

## COM O RESPECTIVO TEMPO DE SERVIÇO

FABIANO BERLING . . . . .	59 anos
JULIETA DE SOUZA . . . . .	37 »
ANTONIO MENDES DA SILVA LEITE . . . . .	32 »
ITALO LUCHESI . . . . .	30 »
LUIZ ANTONIO DE SOUZA . . . . .	30 »
WALDOMIRO DE PAULA . . . . .	27 »
JOÃO BELL . . . . .	26 »
LEONTINA MORAIS . . . . .	26 »
TACILA BELTRÃO . . . . .	25 »
ENZO PARIZI . . . . .	25 »
JOSÉ ZUCHETI . . . . .	23 »
JUVENAL ARNALDO PINHEIRO . . . . .	21 »
ADALBERTO SARMENTO . . . . .	20 »
REINOR DE OLIVEIRA . . . . .	18 »
OSWALDO SIMÕES . . . . .	17 »
CLEMENTE SALIM . . . . .	17 »
ALBANO BERNARDES GOUVEIA . . . . .	15 »
BENEDITO SANTOS GODOI . . . . .	15 »
ILIRIA PERA DI LAZARI . . . . .	15 »
JOSÉ ANTONIO FERREIRA . . . . .	15 »
ONDINA MELO CARNEIRO . . . . .	14 »
DOMENICO CAPRINI . . . . .	14 »
LUIZ TRAZA NETO . . . . .	13 »
PLINIO FRANCO DA SILVEIRA . . . . .	11 »
MARIA ROSA CANTO PRADO . . . . .	10 »

GERALDO ALVES FERREIRA . . . . .	10 anos
AMANCIO DE SOUZA VENDITE . . . . .	10 »
MARIA DE JESUS GARCIA . . . . .	9 »
ALDO CASTRO . . . . .	9 »
ERMELINDO SABINO . . . . .	9 »
ALBERTINA MORELI . . . . .	8 »
NÍVEA VARANDA . . . . .	8 »
CARMEM CAMARGO . . . . .	8 »
ISOLESIO FIGUEIREDO MONTEIRO . . . . .	7 »
ALZIRA DE SOUZA . . . . .	6 »
NEIDE CRIAS . . . . .	6 »
MARIA ALVES MORAIS . . . . .	6 »
AUGUSTA INÊS TURATO . . . . .	6 »
ABIGAIL CAMARA . . . . .	6 »
ISABEL FRANCO . . . . .	4 »
BRASILIO DE CAMPOS . . . . .	3 »
ROSA VERECHIA . . . . .	3 »
SERGIO PEREIRA DUARTE . . . . .	3 »
JOSÉ ELÁDIO FERREIRA . . . . .	3 »
MENOTTI SACCO JÚNIOR . . . . .	2 »
DAYSE CAMARGO . . . . .	2 »
HAMILTON CARNEIRO . . . . .	2 »
TEODORO GUEDES DE CAMPOS . . . . .	1 »
EURÍPEDES OLIVEIRA . . . . .	1 »
JOSÉ GUILHERME YANKE . . . . .	1 »



INTERIOR DA LOJA



O Snr. Cleso de Castro Mendes cercado de seus dedicados auxiliares por ocasião das festas comemorativas do 70.º aniversário em 14 de Novembro de 1946

## Relação do Maquinário existente nas Oficinas da Casa Livro Azul

em 1951

1	Máquina	“Planeta”	de impressão, automática	2	Máquina	para arredondar cantos
1	»	“Heidelberg”	de impressão, automática	1	»	Calandra
4	»	“Frankental”	» » cilíndricas	1	»	Serra circular
1	»	“Worms”	» » »	1	»	Torno
1	»	“Johanisberg”	» » »	1	»	furadeira para ferro
2	»	“Liberty”	» » »	1	»	para impressão em alto relêvo
3	»	“Bremensis”	» » »	1	»	elétrica para furar
2	»	“Oficial”	» » »	1	»	manual » »
1	»	“Planeta”	» » »	1	»	para cortar entrelinhas
3	»	“Daffener”	» » »	1	»	» arcar fios
2	»	“Krause”	para cortar	2	»	» para grampear
1	»	“Perfecta”	» » »	1	Compressora	“Ditba” para colorir
1	»	para tirar provas		1	Tesoura	“Krause” para cortar papelão
1	»	» estereotipia		1	Aparelho elétrico	para fundir rolos
1	»	“Bremer”	para costurar livros	1	Prensa	“Krause”
1	»	para remarque de dorso		2	»	de madeira
2	»	» numerar		1	Freza	“Reuter” com motor
2	»	» cortar cantos		1	Balança	para 200 ks.
1	»	» douração		1	Elevador	para papeis
1	»	para gravação		2	Carrinhos elevadores	para papeis
1	»	“Will”	para pautar	1	Caminhão	«Dodge» para transporte
1	»	» » »	(dupla)	3	bicicletas	para entregas de mercadorias
3	»	para picotar		1	Automovel	«Dodge».
2	»	“Singer”	para costurar			

## O nome de Castro Mendes para uma das ruas de Campinas

**A Câmara Municipal homenageia a memória de um ilustre conterrâneo que muito trabalhou pela cidade integrando as diretorias de inúmeras associações e procurando elevar as Artes entre nós**

(Transcrito do «DIÁRIO DO POVO» de 31 de Agosto de 1948)

Conforme noticiamos, o vereador dr. Antonio Duarte da Conceição apresentou, sábado, á Câmara Municipal, um projeto de lei que manda dar a uma das vias públicas de Campinas o nome de Antonio Benedito de Castro Mendes, um dos mais ilustres conterrâneos, que muito trabalhou pela cidade.

A oração pronunciada na última sessão da Câmara pelo líder do PSD, foi a seguinte:

“Campinas, mal reintegrada em sua nova fase democrática, já se fez ouvir, pelas vozes autorizadas de seus Vereadores, prestando justas e sinceras homenagens aos seus ilustres filhos mortos. De fato, Sr. Presidente, aqueles que em vida trabalharam com amôr e dedicação por Campinas e seu nobre povo, devem merecer a nossa gratidão imorredoura, recebendo de nós as homenagens expressivas do nosso reconhecimento.

Homenagear personagens ilustres do nosso passado é homenagear-se a própria terra natal, fixando para o presente, aquelas diretrizes que nortearam uma geração inteira e elevaram a Cidade, á situação privilegiada de grande e respeitavel centro, não só pela Cultura, mas também pelo valor e pela conduta de seus filhos. Nesta Casa, muitos homens ilustres dos que passaram, foram já

homenageados. Aliás, com justiça. Entretanto, sr. Presidente, entre êles, um deixou de receber desta Câmara, as homenagens merecidas. E, coube-me a honra dessa missão.

Trata-se, meus nobres colegas, de um nome de ilustre cidadão que passou desta para outra vida mas, que legou á posteridade o exemplo fecundo de sua conduta de honestas realizações, movidas e determinadas sempre pelo amor que devotou á sua terra natal — Campinas. Seu nome: Antonio Benedito de Castro Mendes. Castro Mendes, como era conhecido, foi, entre os Campineiros ilustres, um dos mais lídimos representantes da nossa índole e das nossas tradições. Seu nome reside nos corações de todos quantos tiveram a ventura de conhece-lo e admirá-lo. Seu caráter firme, sua conduta inconfundível, a serenidade de seu espirito, a bondade de seu coração, o amor extremado que devotava á terra Campineira, transformaram-no na figura querida de todos, talhada para figurar, sem demora, na galeria austera e venerável dos nossos grandes vultos do passado.

Antonio Benedito de Castro Mendes nasceu nesta cidade de Campinas. aos doze de maio de mil oitocentos e cinquenta e seis, falecendo aos oitenta e dois anos de idade, em 28 de novembro de 1938. Aos vinte anos de idade fundava nesta cidade a “Casa Livro Azul”, grande e tradicional estabelecimento gráfico e mesmo á frente daquela empresa nunca deixou de prestar os mais relevantes serviços a Campinas.

Foi Vereador em diversas legislaturas, função que prestou com eficiência e carinho, tendo o seu bom senso e a autoridade de sua palavra influido sobre-modo na solução de magnos problemas de interesse popular. Ligou seu nome a várias instituições filantrópicas e religiosas desta Cidade, ás quais deu o melhor dos seus esforços. Foi membro da Diretoria do Asilo dos Inválidos, do Hospício de Dementes, dos Conselhos Consultivos da Caixa Econômica do Estado, tendo sido fundador e sócio benemérito da Associação Comercial de Campinas, Provedor da Santa Casa de Misericórdia e fundador do Clube Semanal.

Modesto e prudente, caridoso e querido, éra por todos procurado, porque todos necessitavam sempre dum conselho sábio, de uma opinião esclarecedora, uma palavra amiga e confortante. A caridade constituiu a sua

bandeira, desfraldada em pród de sua terra e de sua gente. Durante a terrível epidemia da febre amarela, Castro Mendes desdobrou-se, prestando á cidade todos os serviços que bem sabia prestar.

Obrigado a transferir seu Estabelecimento Comercial para São Paulo, porque a Febre havia transformado nossa cidade em desolador deserto, embora o visse prosperar, em plena rua Direita, volta com o Estabelecimento para Campinas, abandonando, assim, espontaneamente, uma situação comercial privilegiada, nem sempre alcançada pelos que do interior buscavam a Capital. Essa vida traduz com fidelidade o seu pormenor interessante de seu grande amor a Campinas, que sempre foi colocada acima de tudo, até dos seus próprios interesses pessoais.

A Arte e as Letras, em nossa Terra, muito devem a Castro Mendes: seu acurado espirito estético e o amor dedicado á Arte e ás Letras fizeram-no, em nosso meio, o protetor dos artistas, o que lhe garantiu o título de "Mecenas de Campinas". Poetas, escritores e compositores elegeram seu respeitável lar para centro de suas reuniões.

A Pastoral de Coelho Neto surgiu em uma dessas reuniões, onde nunca faltava a presença do grande e imortal "Carlos Gomes", de quem era Castro Mendes intimo amigo. A figura esplêndida dêsse Campineiro ilustre desdobrou-se tambem no campo social-trabalhista, onde imprimiu os traços indelévels de sua conduta: era amado e querido pelos seus operários, que encontravam em Castro Mendes um verdadeiro amigo e sincero defensor.

Sua atuação nesse campo foi tal que teve repercussão na Capital da República, resolvendo o Govêrno Federal, numa significativa homenagem, dar-lhe o nome como patrono ao S.E.N.A.C., Secção de Campinas. Também a Câmara do Comércio de São Paulo prestou-lhe expressiva homenagem, mandando expedir em seu favor um diploma, quando completava os seus sessenta e dois anos de atividades comerciais ininterruptas.

Castro Mendes foi casado com d. Brazilina Gonzaga Mendes, de tradicional familia de São João d'El-Rei (Minas), tendo deixado numerosa prole que, interlaçada a outros ramos não menos ilustres, segue aqueles mesmos preceitos que nortearam Castro Mendes e passaram a ser, para a familia, patrimônio e tradição. Antonio Benedito

de Castro Mendes passou. Passou, mas deixou a Campinas os melhores frutos que sua alma boníssima, seu coração generoso e seu cérebro de escol poderiam dar. Passou, mas depois de ter lançado na terra amada que o viu nascer a farta e fecunda sementeira dos seus grandes ideais.

Nós, com êste modesto e despretencioso trabalho, como o projeto de lei a ser apresentado, para se lhe dar o nome a uma das ruas da Cidade, que êle tanto amou, pretendemos externar, de modo vivo e imperecível, a homenagem de gratidão da qual lhe somos devedores: o batismo de uma rua e a consignação deste trabalho nos anais desta Casa, para que a história lhe faça justiça já que seu nome para a História de Campinas, contribuiu com magnífica página.

Assim, apresento por intermedio da Mesa, o seguinte Projeto de Lei.

A Câmara Municipal de Campinas Decreta e Eu, Prefeito do Municipio, promulgo a seguinte lei:

(Denomina uma das ruas da cidade).

Art. 1.º — Fica denominada Rua Castro Mendes, a rua conhecida por 2.ª Travessa Paula Bueno, que começa na rua Paula Bueno e termina na rua Bartolomeu Bueno da Silva, no bairro do Taquaral.

Art. 2.º — Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Sala das Sessões, 28 de Agosto de 1948.

a.) *Dr. Antônio Duarte da Conceição.*

---

---

## CONCLUSÃO

*São estas as notas que achamos oportunas publicar neste Memorial comemorativo do 75.º aniversário da "CASA LIVRO AZUL".*

*Não nos moveu a vaidade de vangloriar os feitos de uma casa comercial, nem a intuição da propaganda.*

*Trata-se apenas da continuação da obra encetada pelo nosso fundador, com o nobre propósito de exaltar o trabalho e a dedicação de todos que fazem a família "LIVRO AZUL".*

*É bem verdade que poucos estabelecimentos comerciais contam com uma vida tão longa quanto a nossa, sempre com a mesma orientação e a mesma constância.*

*Nestes 75 anos de existência, nossa casa assistiu a acensão de Campinas, tomando parte em muitos empreendimentos da nossa cidade.*

*No decorrer de tão largo tempo vimos com tristeza desaparecer do nosso convívio grandes amigos desta casa que sempre nos honraram com a sua amizade e preferência.*

*Podemos afirmar sem jactância que contribuimos para a cultura do nosso povo, como o provam as páginas das poliantéias que temos publicado a cada decênio da nossa vida comercial.*

*Oxalá possamos continuar por mais anos com as comemorações desta natureza, para assim prosseguir as tradições desta casa já tão conhecida e gabada pelos nossos amigos.*

*Seja a publicação deste Memorial mais uma prova da nossa homenagem póstuma ao Sr. A. B. de Castro Mendes — nosso inesquecível fundador, cujo exemplo de trabalho, probidade e constância têm sido nosso lema e o orgulho da nossa vida.*

*A êle, pois, que parece invisivelmente acompanhar nossos passos e assistir nossos atos nesta casa, dedicamos estas paginas que nada mais são do que o reflexo do nossa gratidão e da nossa saudade.*

DISCIPLINA, CONFORTO E ASSEIO —

eis o ambiente onde mourejam

essas moças.



ALEGRIA, CONSTÂNCIA

E O AMOR AO TRABALHO SÃO

O APANÁGIO DAS NOSSAS OFICINAS



A ciclópica cidade de Campinas que a Casa «Livro Azul» viu crescer

ESTE MEMORIAL FOI COMPOSTO E IMPRESSO  
NAS OFICINAS GRÁFICAS DA CASA LIVRO AZUL  
— CAMPINAS —  

---

